

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE CIÊNCIAS EM GESTÃO E TECNOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA – PPGEC-SO

LUIZ FELIPE OLIVEIRA BARROSO

**A RELAÇÃO ENTRE CULTURA E BEM-ESTAR SUBJETIVO EM PERSPECTIVA  
COMPARATIVA: evidências a partir do individualismo-coletivismo.**

SOROCABA - SP  
2022

A RELAÇÃO ENTRE CULTURA E BEM-ESTAR SUBJETIVO EM PERSPECTIVA  
COMPARATIVA: evidências a partir do individualismo-coletivismo.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal de São Carlos, para obtenção do título de mestre em economia.

Área de Concentração: Economia Aplicada

Orientador: Prof. Dr. Alexander Itria

Sorocaba-SP  
2022

Oliveira Barroso, Luiz Felipe

A relação entre cultura e bem-estar subjetivo em perspectiva comparativa: evidências a partir do individualismo-coletivismo / Luiz Felipe Oliveira Barroso -- 2022.

71f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador (a): Alexander Itria

Banca Examinadora: Larissa Barbosa Cardoso, Gustavo Pereira da Silva

Bibliografia

1. Economia da felicidade. 2. Bem-estar subjetivo. 3. Cultura e bem-estar. I. Oliveira Barroso, Luiz Felipe. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -  
CRB/8 6979

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE CIÊNCIAS EM GESTÃO E TECNOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA – PPGEC-SO

**Folha de aprovação**

**A RELAÇÃO ENTRE CULTURA E BEM-ESTAR SUBJETIVO EM PERSPECTIVA  
COMPARATIVA: evidências a partir do individualismo-coletivismo.**

Assinatura dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de  
Mestrado do candidato Luiz Felipe Oliveira Barroso, realizada em 30/06/2022:

---

Prof. Dr. Alexander Itria

Instituição: Universidade Federal de São Carlos

---

Profa. Dra. Larissa Barbosa Cardoso

Instituição: Universidade Federal de Goiás

---

Prof. Dr. Gustavo Pereira da Silva

Instituição: Universidade Federal de São Carlos

Aos meus avós Antônio e Esperança (*in  
memoriam*), e aos meus pais Laura e Barroso.

## AGRADECIMENTOS

Esse trabalho contém muitas histórias. Algumas delas já foram encerradas. Revisitar esse passado é agridoce, mas o registro deve ser feito. Antes, quero falar do presente. Agradecer meus pais por todo o apoio. Não tem como colocar em palavras tudo que passamos juntos nessa jornada, sempre unidos. Obrigado!

Nos dois últimos anos a tônica foi a sobrevivência, o convívio com as incertezas, o medo. Ausências. Mas também uma época de reconstrução, de luta, de permissão aos afetos. Nesse período pude compartilhar tudo isso com minha companheira Ana Carolina, sempre juntos. E com Aurora ao nosso lado nesse período de descobertas. Amo vocês.

Queria agradecer ao Prof. Alex Itria pela orientação no trabalho, pelas conversas nos momentos difíceis, e por estar sempre disponível mesmo a distância. Estendo esses agradecimentos também ao Prof. César Cruz pelo acolhimento e pelos conselhos.

Com isso, encerro os reconhecimentos do presente, e reproduzo abaixo os agradecimentos contidos na primeira versão deste trabalho, em respeito a todos que contribuíram na concepção deste trabalho no Cedeplar/UFMG.

Agradeço à Thaís pelo encorajamento e companhia que foram fundamentais para que esse sonho tivesse início, e se mantivesse nas horas longe de casa. Carrego as lições desse período para sempre. Agradeço também à Nina, por todas as orações, pela preocupação e pelas palavras de incentivo.

Meu parceiro Victor, companhia de todas as horas, nas reclamações, decepções, celebrações, e conversas jogadas fora. Nossa amizade é um porto seguro nos momentos de inadequação social. Agradeço ao meu amigo Ricardo, sempre com a postura e tranquila, sua figura inspiradora, estimulante e humilde.

A estadia em Belo Horizonte me presenteou com um grande e um pequeno companheiro. Meu amigo Stélio, brilhante, atencioso, preocupado, exigente. De outro lado, Celso. Uma postura impecável, gentil, compreensivo, maduro e bem-humorado. Vocês dois foram a melhor companhia que eu jamais imaginei ter. Foi um prazer enorme compartilhar com vocês um lar, e todas as situações decorrentes dessa vivência.

Gostaria de agradecer à Cristina, Estefânia, e Janei por toda a força, e pelo atendimento humano.

Agradeço ao professor André, por todo o suporte, compreensão, paciência, atenção e inspiração. Agradeço também a professora Lizia, que primeiramente me recebeu e deu força à ideia, sempre com um sorriso no rosto e um desejo de compartilhar.

Agradecer a oportunidade, compreensão, e suporte de todo o corpo do programa de pós-graduação do Cedeplar, nas figuras dos coordenadores Ana Hermeto, Marco Flávio e Gilberto Libânio.

Por fim, gostaria de agradecer à CAPES, pelo financiamento deste trabalho.

## RESUMO

A utilização de medidas auto reportadas de bem-estar, entre elas o grau de satisfação com a vida, permitiu uma série de novas avaliações sobre bem-estar, antes limitadas a indicadores objetivos. O estudo da literatura construída sobre essas medidas subjetivas, identificou padrões nos efeitos das características econômicas e sociodemográficas sobre o grau de satisfação dos indivíduos. Em um passo adiante, com a adoção de pesquisas internacionais, passou-se a avaliar esses efeitos em nível nacional. Os resultados dessas análises indicavam diferenças no nível de satisfação dos países analisados, justificáveis apenas parcialmente pelas características econômicas. O objetivo deste trabalho é identificar se as características culturais possuem efeito no grau de satisfação declarado em distintos países, através de uma estrutura de modelo tradicional de determinantes do bem-estar subjetivo. O diferencial metodológico dessa pesquisa é a estratégia adotada em duas etapas, incorporando dimensões culturais, centradas no contínuo individualismo-coletivismo, e a estimação de modelo econométrico hierárquico para os níveis de satisfação com a vida. O primeiro passo dessa estratégia é a construção da dimensão cultural do individualismo, através de questões de cunho comportamental incluídas na pesquisa *World Values Survey (Waves 5 e 6)*, reduzidas em um índice através do método de Análise de Correspondência Múltipla. Os resultados dessa etapa comparados à literatura de valores culturais indicam convergências, como países da Ásia Sínica apresentando menor nível de individualismo na amostra, e divergências, com países dos grupos Novo Ocidente e Europa Protestante também alinhados próximos ao limite coletivista do contínuo cultural, o que não seria esperado teoricamente. Na segunda etapa, esse índice é incluso em um modelo econométrico multinível, interagindo com *dummies* regionais, o que permite encontrar alguns efeitos significantes, ainda que discretos, sobre o nível de satisfação declarado. Essa abordagem encontrou impactos negativos do individualismo nos grupos Ásia Índica, Leste Islâmico, África Subsaariana, e efeitos positivos do individualismo sobre o nível de satisfação médio nos grupos Europa Protestante e América Latina, em comparação ao grupo cultural mediano. Esses resultados indicam alguma aderência a hipótese de que os níveis de satisfação são afetados por valores culturais, ainda que estejam limitados aos grupos de países citados. Por fim, são discutidos também os limites desse tipo de abordagem, desde a validade das medidas e da base de dados utilizada, bem como aponta-se possíveis alternativas em investigações futuras envolvendo bem-estar subjetivo e cultura.

**Palavras-chave:** Economia da felicidade, bem-estar subjetivo, cultura e bem-estar.



## ABSTRACT

The use of self-reported measures of well-being, including the degree of satisfaction with life, allowed a series of new assessments of well-being, previously limited to objective indicators. The study of the literature built on these subjective measures identified patterns in the effects of economic and sociodemographic characteristics on the degree of satisfaction of individuals. In a step forward, with the adoption of international databases, these effects began to be evaluated at the national level. The results of these analyzes indicated differences in the level of satisfaction in different countries, justified only partially by economic characteristics. The objective of this work is to identify whether cultural characteristics influence the degree of satisfaction declared in different countries, through a traditional model of determinants of subjective well-being. The methodological differential of this research is the strategy adopted in two stages, incorporating cultural dimensions, centered on the continuous individualism-collectivism, and the estimation of a hierarchical econometric model for the levels of satisfaction with life. The first step of this strategy is the construction of the cultural dimension of individualism, through behavioral questions included in the World Values Survey (Waves 5 and 6), reduced to an index using the Multiple Correspondence Analysis method. The results of this section compared to the literature on cultural values indicate convergences, such as Sinic Asia countries showing a lower level of individualism in the sample, and divergences, with countries from the New West and Protestant Europe groups also aligned close to the collectivist limit of the cultural continuum, which would not theoretically be expected. In the second step, this index is included in a multilevel econometric model, interacting with regional dummies, which makes it possible to find some significant, albeit discrete, effects on the declared level of satisfaction. This approach found negative impacts of individualism in Indian Asia, Islamic East, Sub-Saharan Africa groups, and positive effects of individualism on the average satisfaction level in Protestant Europe and Latin America groups, compared to the median cultural group. These results indicate some adherence to the hypothesis that satisfaction levels are affected by cultural values, even if they are limited to the mentioned groups of countries. Finally, the limits of this type of approach are also discussed, from the validity of the measures and the database used, as well as possible alternatives in future investigations involving subjective well-being and culture.

**Keywords: Happiness economics, subjective well-being, culture and well-being.**

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2. BEM-ESTAR SUBJETIVO: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS E EMPÍRICAS .....</b>	<b>15</b>
2.1 BEM-ESTAR SUBJETIVO E ECONOMIA .....	15
2.2 TIPOS E MEDIDAS DE BEM-ESTAR SUBJETIVO .....	18
2.3 DETERMINANTES DO BEM-ESTAR .....	19
2.3.1 Fontes de bem-estar na perspectiva individual.....	19
2.3.2 Fontes de bem-estar na perspectiva nacional .....	22
<b>3. BEM-ESTAR SUBJETIVO E CULTURA .....</b>	<b>24</b>
3.1 CONTEXTOS EXTERNOS E PERCEPÇÕES SUBJETIVAS.....	25
3.2 DEFINIÇÃO DE CULTURA .....	26
3.3 TIPOS DE <i>SELVES</i> .....	27
3.4 DIMENSÕES CULTURAIS .....	29
<b>4. METODOLOGIA.....</b>	<b>31</b>
4.1 BASE DE DADOS .....	31
4.2 VARIÁVEL DEPENDENTE.....	32
4.3 VARIÁVEL EXPLICATIVA DE INTERESSE, E ANÁLISE MULTIVARIADA. ....	32
4.4 VARIÁVEIS DE CONTROLE. ....	37
4.5 MODELAGEM ECONOMETRICA MULTINÍVEL.....	38
<b>5. RESULTADOS .....</b>	<b>42</b>
5.1 ANÁLISE DESCRITIVA DOS DADOS. ....	42
5.2 RESULTADOS DAS ESTIMAÇÕES HIERÁRQUICAS. ....	47
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>54</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>57</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O conceito de felicidade tem sido objeto de inúmeras considerações no mundo Ocidental desde a Antiguidade, passando por reinterpretações ao longo de toda a história moderna da humanidade. O tratamento deste tema parte da tentativa de definição de felicidade, passa pela compreensão dos caminhos para alcançar esse estado de satisfação, e até mesmo reflexões se, de fato, pode-se considerar que a felicidade é o principal, e universal, objetivo da vida (MCMAHON, 2006).

O avanço dos estudos acerca do tema felicidade e satisfação com a vida ganhou força com a incorporação de conceitos desenvolvidos no campo da psicologia. Essas pesquisas utilizam uma série de abordagens e nomenclaturas distintas, tais como *Hedonic Psychic*, *Self Determination*, *Authentic Happiness*, *Flow*, *Flourishing*, *Eupathics*, e muitas outras. Dependendo do tipo de formação e interesse dos pesquisadores, os objetivos dos estudos variam entre tentar compreender a estrutura do bem-estar, propor melhorias de produtividade e de saúde mental, e avaliar os benefícios do cultivo de afetos positivos. Os economistas, por sua vez, seguiram esse padrão criativo, e ao aprofundar a discussão dos efeitos entre ativos materiais, sendo o mais básico a renda, e benefícios emocionais, como nível de satisfação e felicidade, adotaram a terminologia *Happiness Economics* (DIENER *et al.*, 1999; DIENER; LUCAS; OISHI, 2018; DIENER; SELIGMAN, 2004; EASTERLIN, 2010; FREY, 2008; FREY; STUTZER, 2002; GRAHAM, 2012; HAYBRON, D., 2007; HELLIWELL; LAYARD; SACHS, 2019; NAKAMURA; CSIKSZENTMIHALYI, 2014; STUTZER; FREY, 2012).

Recomendações normativas fazem parte do programa de pesquisa nesta área (DANNER; SNOWDON; FRIESEN, 2001; SELIGMAN *et al.*, 2005), mas o foco da maioria dos trabalhos ainda é de caráter exploratório, visando compreender as relações das variáveis envolvidas na determinação da sensação de felicidade e satisfação, o chamado bem-estar subjetivo (*subjective well-being* – SWB). Este termo é utilizado como definição da autopercepção sobre felicidade e satisfação com a vida, e pretende conferir um caráter menos metafísico à discussão. Ainda que a especulação filosófica apareça como inspiração, tenta-se manter como objeto de investigação os fatores teoricamente mensuráveis e que possam de alguma maneira estabelecer hipóteses empiricamente testáveis (KESEBIR; DIENER, 2009).

O reconhecimento de fatores subjetivos em problemas econômicos vem a reboque de trabalhos realizados desde a década de 1970, culminando em um crescente interesse no final dos anos de 1990 e durante toda a primeira década dos anos 2000 (LAYARD; LAYARD, 2011;

TELLA; MACCULLOCH, 2006), inclusive despertando o interesse de pesquisadores no Brasil (CORBI; MENEZES FILHO, 2007; FRANCO, 2011; GOLGHER; COUTINHO, 2020; NERY, 2014; RODRIGUES; SHIKIDA, 2005) . São estudos que, em sua maioria, basicamente utilizam questionários incluindo perguntas sobre o grau de felicidade e satisfação com a vida dos participantes, coletando também informações econômicas, demográficas e sobre a visão de mundo dessas pessoas. Muitas dessas pesquisas possuem caráter de alcance regional, mas algumas ampliam seu escopo, replicando o mesmo questionário em diversos países do mundo, como no caso da *World Values Survey* (WVS).

Adicionalmente, observa-se na literatura, diferenças no nível de percepção de bem-estar subjetivo médio entre diferentes países. Essas diferenças seriam explicadas apenas pelas condições de contexto socioeconômico ou existiria algum componente cultural mediando as respostas dos indivíduos? Uma vez que sociedades distintas apresentariam diferentes objetivos de vida, como essas diferentes perspectivas se correlacionam com os níveis de satisfação com a vida? Alguns trabalhos avançaram ao testar a influência de valores culturais sobre o SWB (BIANCOTTI; D’ALESSIO, 2008; HALLER; HADLER, 2006; SUH *et al.*, 1998; TSAI; KNUTSON; FUNG, 2006; UCHIDA; NORASAKKUNKIT; KITAYAMA, 2004). Estes fatores se manifestariam não só do ponto de vista socioeconômico individual, mas também influenciados, via socialização de valores culturais, ou algum tipo de interação entre os efeitos de nível individual e coletivo. Nestas hipóteses, verifica-se uma grande importância do fator social, da interação do indivíduo com o seu entorno na determinação do bem-estar.

Como exemplo, do ponto de vista histórico, a influência do Protestantismo sobre a cultura Ocidental se refletiria na valorização do indivíduo, um olhar racional introspectivo na tomada de decisão. Esse tipo de contexto induziria ao entendimento da satisfação e felicidade como uma realização de caráter pessoal, independente. Como oposição dual coloca-se a cultura Oriental, sob a influência do Confucionismo, o Taoísmo e o Budismo, cujo olhar teria característica holística, e as percepções determinadas de maneira interdependente. Neste tipo de cultura, por exemplo, o sucesso, se não compartilhado, poderia até evocar sensações negativas, impactando negativamente sobre o nível de satisfação. O contexto cultural seria, neste caso, um desafio à visão econômica tradicional, do indivíduo racional que busca maximizar prazer e minimizar a dor como estratégia ótima da busca pela satisfação (JI; NISBETT; SU, 2001).

Uma das estratégias utilizadas para abordar empiricamente diferenças culturais é a utilização de dimensões culturais, tipos de escalas contínuas de valores, representando dualidades opostas de valores em cada ponta desta escala. A dimensão abordada neste trabalho é a do individualismo/coletivismo, constituída por uma escala de valores cujos valores máximos e mínimos representam a distância de valores de seus componentes. Esta dimensão é adotada nesta análise por ser a dimensão cultural mais considerada em estudos envolvendo SWB e valores culturais.<sup>1</sup> Diener, Diener e Diener (2009) e Tov e Diener (2009), por exemplo, mostram que os níveis médios de SWB são maiores em culturas individualistas do que em culturas coletivistas, e que existem particularidades nessa relação em grupos culturais distintos. Contudo, esses estudos utilizam dados culturais construídos por terceiros, ou bases de dados não disponíveis aos pesquisadores, impossibilitando a replicabilidade de seus resultados.

Tendo em vista o que foi abordado, a proposta desta dissertação é avançar na discussão acerca dos determinantes do bem-estar subjetivo, buscando compreender as diferenças de níveis entre países distintos. Para tanto, analisa-se, além de características a nível individual, informações de contexto nacional. Por meio de uma modelagem econométrica que faça uso de dados de natureza sociocultural, contemplando informações sociodemográficas, econômicas e a criação de uma dimensão cultural de individualismo/coletivismo, busca-se o alinhamento da literatura da psicologia e do bem-estar subjetivo com os estudos em economia da felicidade.

O objetivo do trabalho é testar a hipótese de que aspectos culturais determinam uma parcela da diferença de bem-estar subjetivo entre nações. Para avaliar essa hipótese, na primeira parte do trabalho será discutida a literatura teórica e empírica que aborda os determinantes da felicidade e do bem-estar individual e nacional; bem como uma investigação da literatura que relaciona valores culturais ao SWB dos países. Posteriormente, se discute e se propõe a construção de um indicador cultural de Individualismo/Coletivismo que reflita os valores e costumes dos indivíduos de diferentes países. Esse indicador é constituído pelo método de Análise de Correspondência Múltipla, um método de redução de dados, utilizando como base respostas às questões comportamentais e de visão de mundo aplicadas na pesquisa *World Values Survey*. Esse índice de individualismo será, portanto, a variável explicativa cultural de interesse no modelo, cujos efeitos sobre a variável dependente de satisfação com a vida serão avaliados.

---

<sup>1</sup> Outras dimensões culturais são citadas em estudos de SWB, contudo são pouco exploradas na literatura, e possuem definições mais ambíguas do que a dimensão individualismo/coletivismo.

A seguir é apresentado o modelo econométrico multinível/hierárquico escolhido para testar a hipótese do trabalho, e as respectivas estimações desses modelos, que permitem testar essa influência dos aspectos individuais, nacionais e culturais sobre o nível individual e médio de satisfação com a vida, também tendo como base a pesquisa *World Values Survey*. Por fim, são comparados os resultados dos estimadores entre as distintas regiões culturais, de modo a buscar compreender se as diferenças no SWB entre países podem ser explicadas considerando as respectivas diferenças de valores culturais representadas pelo indicador cultural de Individualismo/Coletivismo.

A adoção desta metodologia representa um avanço em relação a literatura, uma vez que utiliza uma base de dados aberta e replicável, incorporando a mesma base na construção do índice cultural e para a estimação do modelo econométrico de determinação do SWB. A base de dados *World Values Survey*, e o método escolhido permite que essa avaliação seja feita para um grande número de países, e que os aspectos culturais sejam tratados através de um conjunto de questões comportamentais relacionadas, minimizando a arbitrariedade do pesquisador nessa construção. Neste contexto, a abordagem multinível também representa um avanço, uma vez que a incorporação deste tipo de modelagem em modelos relacionando cultura e SWB ainda não foi explorada pela literatura. Por fim, a seção de conclusão deste trabalho discute de maneira breve os resultados obtidos, à luz das suas limitações e das possíveis alternativas de investigação.

## 2. BEM-ESTAR SUBJETIVO: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS E EMPÍRICAS

### 2.1 BEM-ESTAR SUBJETIVO E ECONOMIA

As visões de felicidade e satisfação nas sociedades modernas inclinam-se entre realizações de prazeres e busca por virtude, passando por todo um espectro de práticas cotidianas, morais e religiosas. As respostas para a questão dos determinantes desse tipo de bem-estar, frequentemente estão ligadas ao “sentir-se bem”, uma forte herança da visão iluminista, racional, secular e com tendências hedonistas (MCMAHON, 2006).

A ideia de felicidade como força propulsora da ação humana passou a ser considerada com maior formalismo na proposta utilitarista de Jeremy Bentham. O utilitarismo estabelecia a base da decisão racional dos agentes como um cálculo entre prazeres e dores, uma balança de estímulos com efeitos positivos e negativos sobre o bem-estar. A busca da maximização dessa diferença hedônica, influenciou a lógica de modelagens econômicas desde então. Essa racionalização permitiu estabelecer um paralelo entre os conceitos de felicidade e utilidade, sob a ideia de que ambos seriam mensuráveis como fenômenos do mundo natural, e até mesmo comparáveis interpessoalmente (ROSEN, 2003).

A discussão econômica sobre a possibilidade de mensuração direta da utilidade se mostrou controversa. Em teoria, Edgeworth considerou essa ideia possível pois estaria entusiasmado com os então novos desenvolvimentos em fisiopsicologia, utilizando hedonímetros para estabelecer uma base fisiológica à teoria de utilidade. Entretanto, esse tipo de abordagem utilitarista clássica foi sendo descartada devido à dificuldade de operacionalização e na descrença da capacidade de comparações interpessoais de utilidade. Irving Fisher, por exemplo, destacava a importância de uma medida de utilidade, mas não por medição direta, e sim por “*backward induction*” e pela observação do comportamento dos agentes. A única hipótese comportamental de Fisher era “cada indivíduo age conforme seus desejos”, descartando qualquer outro tipo de base psicológica para a teoria (COLANDER, 2007).

O processo de sistematização e formalização matemática da teoria econômica foi gradualmente eliminando considerações sobre “unidades de prazer” ou “percepções”. A partir dos anos 1930, a teoria de utilidade *mainstream* consolidou a visão pragmática da teoria da escolha, desconsiderando qualquer tipo de comparação interpessoal de utilidade (COLANDER, 2007; FLEURBAEY, 2009; HICKS; ALLEN, 1934; ROBBINS, 1938). A formalização de

modelos econômicos acompanhou o afastamento de conceitos relacionados à felicidade e prazer, em benefício da análise de fenômenos quantitativos e observáveis. Através da abordagem da escolha, ou preferência revelada, a teoria econômica deixa em segundo plano as discussões de filosofia moral, ganhando força um tipo de formalização que constituiria o cerne da chamada Economia do Bem-Estar. Este campo se sustenta em dois tipos de análise de bem-estar, conforme ressaltado por Gul e Pesendorfer (2007):

- Na identificação de resultados Pareto-eficientes em um ambiente de equilíbrio;
- Na maximização de funções objetivo, utilizadas para avaliações de políticas e tomada de decisões;

Esses métodos são baseados nos pressupostos de racionalidade dos agentes, sem considerações psicológicas subjacentes. Contudo, ressalvas a estes pressupostos voltaram a ganhar força com os desenvolvimentos no campo da chamada Economia Comportamental. A discussão econômica do final do século XX vê um resgate dos questionamentos sobre a base psicológica na tomada de decisão dos agentes. Conforme ressaltado por Thaler (2000), ao negligenciar a influência dos afetos sobre o comportamento humano, a teoria econômica tradicional representa os agentes de maneira bem menos idiossincrática do que a experiência real, negligenciando o papel das emoções.

Ao superestimar a capacidade de racionalização dos indivíduos, adverte Rojas (2007b), é desconsiderada a possibilidade de uso ineficiente dos recursos para atingir um estado de satisfação econômica. No contexto das análises de bem-estar, Rojas (2007b) ressalta que existem resultados de modelos de escolha partindo de pressupostos racionais que não necessariamente resultam em um nível máximo esperado de bem-estar subjetivo, ou seja, o nível de bem-estar declarado pelo indivíduo. Admitir esse tipo de situação abre espaço para reflexão sobre outras maneiras de obter ganhos de eficiência. Tratando-se de felicidade ou satisfação, a literatura neste tópico tentou encontrar esses ganhos de eficiência além dos aspectos puramente pecuniários<sup>2</sup> (BENJAMIN *et al.*, 2012).

Esse ressurgimento do interesse de economistas sobre discussões de felicidade no final do século XX não se fundamenta somente na reavaliação dos critérios de racionalidade da

---

<sup>2</sup> É necessário estabelecer a distinção das propostas elaboradas no campo da chamada de “Economia da Felicidade”, de uma discussão moral. Ainda que a literatura remeta à tradição filosófica aristotélica da busca pelo comportamento virtuoso, essa orientação se manifesta mais do ponto de vista retórico do que empírico.



própria disciplina, ou de uma espécie de reconsideração do utilitarismo. Essa literatura toma emprestado, e passa a dialogar muito com um campo da psicologia que foi sendo desenvolvido ao longo do século XX, a chamada Psicologia Positiva, disciplina voltada à avaliação de estados de bem-estar subjetivos (SELIGMAN *et al.*, 2005). O foco inicial da Psicologia como ciência era analisar situações associadas à patologias mentais, dando pouca importância ao bem-estar em situações normais. Uma das primeiras propostas com o intuito de abordar estados mentais considerados positivos foi o de Myerson (1917), responsável por promover a disciplina de *eupathics*<sup>3</sup>.

Com o avanço da criação de novas bases de dados e ferramentas estatísticas essa literatura foi sendo incrementada principalmente anos 1950 e 1960, com os trabalhos identificando correlações positivas entre felicidade, nível educacional e nível de renda; resultados compilados na meta análise em psicologia da felicidade de Wilson (1967). Um dos estudos mais influentes deste período, e que posteriormente deu o nome de seu autor a uma das medidas mais utilizadas de satisfação com a vida, foi o do psicólogo Hadley Cantrill. Em *The Pattern of Human Concerns* (1965), ele observou forte correlação entre as medidas de renda, educação e ocupação com a sua escala de satisfação com a vida. Em paralelo, segundo Angner (2011), este período coincide com uma crescente influência do movimento de reação à utilização indiscriminada de indicadores econômicos como medidas de qualidade de vida.

Pode-se considerar que a busca por indicadores alternativos de qualidade de vida, como as medidas de satisfação e felicidade auto reportadas surgem ao encontro dessas inquietações citadas. Por parte dos economistas, o interesse acerca do bem-estar subjetivo é popularizado em meados dos anos 1970 por Easterlin (1974). Em alguns casos, a proposta de ruptura à ortodoxia econômica era forte, como na defesa da utilidade cardinal, do ponto de vista teórico e empírico. As abordagens de bem-estar subjetivo em economia chegaram a ser empregadas em análises de *trade-off* entre inflação e desemprego; impactos de intervenções ambientais, e das desigualdades sociais. Essas abordagens também foram avaliadas com considerável grau de ceticismo por parte de seus críticos (BERTRAND; MULLAINATHAN, 2001; PRAAG; FERRER-I-CARBONELL, 2004; VAN PRAAG; FRIJTERS; FERRER-I-CARBONELL, 2003).

---

<sup>3</sup> O estudo do bem-estar em situações normais, ou seja, na ausência de patologias mentais.

## 2.2 TIPOS E MEDIDAS DE BEM-ESTAR SUBJETIVO

Qual seria a abordagem mais apropriada para a investigação empírica do bem-estar subjetivo? É necessário apresentar as medidas empíricas que são empregadas na literatura e as ressalvas quanto a sua utilização. O passo inicial, e também um dos mais controversos, é estabelecer um critério objetivo para uma ideia tantas vezes debatida no âmbito da metafísica. Os dois principais conceitos de bem-estar que orientam a literatura do bem-estar subjetivo são apresentados por Fleurbaey (2009) e Delle Fave et al.(2011): bem-estar hedônico e bem-estar cognitivo.

O bem-estar hedônico traça um paralelo entre o conceito de balança afetiva (*hedonic treadmill*) que representa a ponderação entre os afetos positivos e negativos, lembrando o conceito clássico utilitarista (FREDERICK, 2007). Os afetos são os sentimentos, como alegria e excitação (afetos positivos), tristeza e raiva (afetos negativos), e são avaliados em termos de sua intensidade e duração. Ao computar a ocorrência de afetos positivos e negativos poderia-se avaliar a qualidade emocional da experiência cotidiana (KAHNEMAN *et al.*, 2004; KAHNEMAN; KRUEGER, 2006). Em outros termos, o bem-estar hedônico representa uma avaliação de bem-estar sujeita ao humor do momento, ou seja, de caráter sensivelmente imediato.

O segundo tipo de bem-estar é o bem-estar cognitivo, uma tentativa de expansão do conceito, ou alternativa ao bem-estar hedônico. Como os afetos positivos e negativos representam apenas uma fração da experiência humana, uma avaliação cognitiva ampla seria uma medida de bem-estar mais assertiva. Também chamado de bem-estar eudaimônico, usualmente é representado como uma medida de satisfação, uma avaliação individual sobre a vida como um todo (KAHNEMAN; KRUEGER, 2006; OISHI; SCHIMMACK; COLCOMBE, 2003; RYFF; SINGER, 2008). Este é o tipo de bem-estar que será avaliado empiricamente nesta dissertação, uma medida auto reportada.

Esse tipo de medida ganhou força no início dos anos 1990 com o conceito de *livability*, introduzido por Veenhoven et al. (1993). Sua preocupação foi estabelecer um conceito de satisfação bem delimitado, centralizando a interpretação deste sentimento no próprio indivíduo. Somente através da introspecção seria possível avaliar aspectos da vivência negligenciados em indicadores objetivos tradicionais. Esse julgamento não seria a soma de prazeres e dores, mas sim uma ponderação sobre o conceito de *livability*: “*The livability of a society is the degree to which its provisions and requirements fit with the needs and capacities of its members.*”

(VEENHOVEN *et al.*, 1993, p. 6). Quanto melhor o ajuste entre as necessidades e as capacidades dos indivíduos, maior seria o grau de satisfação com a vida. A abordagem de *livability* remete a um conceito antigo na psicologia, desenvolvido por Maslow (1943), e que tentava enumerar hierarquicamente as necessidades humanas universais até uma desejável plena realização (POSTON, 2009; WAHBA; BRIDWELL, 1976).

Caberia, portanto, a adoção de medidas autorreportadas, por meio de questionários com uma série de perguntas sobre a realização destas necessidades, e que envolvem características demográficas, econômicas, sociais, comportamentais e culturais (HAGERTY, 1997). A defesa da utilização de medidas autorreportadas de bem-estar é baseada, principalmente, na sua simplicidade, ou seja, uma variável numérica concisa, apoiada na vivência única dos indivíduos. Medidas de qualidade de vida tradicionais, como por exemplo, dados de renda, riqueza, desigualdade, acesso saneamento básico e educação, ofereceriam uma boa perspectiva de bem-estar, mas não refletiriam necessariamente a satisfação experimentada pelos indivíduos (DIENER; SUH, 1997; KUMAR; GILOVICH, 2015; PCHELIN; HOWELL, 2014).

Não se trata de um tipo de medida livre de críticas e limitações (são sensíveis às circunstâncias do dia a dia), mas possuem validações na literatura através de experimentos, correlações com atividades neurológicas associadas ao bem-estar, e diversas medidas de bem-estar tradicionais (EKMAN; DAVIDSON; FRIESEN, 1990; FOX; DAVIDSON, 1988; HAYBRON, D. M., 2007; LYUBOMIRSKY; LEPPER, 1999). Além disso, na média, é esperado que essa sensibilidade à fatores emocionais imediatos sejam compensados na utilização de uma amostra grande o suficiente (PAVOT *et al.*, 1991; SANDVIK; DIENER; SEIDLITZ, 1993; SCHWARZ; STRACK, 1999).

## 2.3 DETERMINANTES DO BEM-ESTAR

### 2.3.1 Fontes de bem-estar na perspectiva individual

O maior desafio na investigação do bem-estar subjetivo está em estabelecer coerentemente seu objetivo, cuja literatura busca encontrar seus correlatos, antecedentes e consequências. As fontes do bem-estar subjetivo do ponto de vista individual podem ser organizadas, pela ótica de Kashdan, Biswas-Diener, King (2008), em três tipos: Nível Básico, Nível Motivacional, Nível Sistemático. De modo simplificado, esses três conjuntos correspondem, respectivamente, às perguntas essenciais da condição humana: “O que sou?”; “O que desejo?”; “Por que sou, e porque desejo?”. Uma maneira de buscar respostas a estas

questões, com razoável grau de sistematização, é retomando o conceito de necessidades universais de Maslow (TAY; DIENER, 2011). Essa proposta foi apropriada e atualizada ao contexto de determinantes de bem-estar, por Ryff e Keyes (1995) e Deci e Ryan (2000).

É possível traçar um paralelo entre esta proposta e a ideia de *livability*. Ambas reconhecem a importância dos fatores subjetivos e objetivos sobre o SWB. Contudo, *livability* é um conceito mais simples, em que as circunstâncias externas positivas já são consideradas suficientes para promover uma melhoria do bem-estar. Trata-se de uma visão mais alinhada ao conceito do indivíduo predominantemente passivo, um receptor de estímulos. Como proposta metodológica, ela estabelece um limite útil para a análise, ainda que possa subestimar a capacidade ativa dos indivíduos de construção da própria realidade subjetiva, independente das condições externas.

Outra perspectiva com alguma aceitação no campo da psicologia e, principalmente, na antropologia e sociologia, recusa em parte a predominância das circunstâncias e seus efeitos variantes sobre o SWB. Essa hipótese, conhecida como *setpoint*, parte do princípio de que o SWB é predominantemente determinado por um traço estável, apresentando desvios apenas no curto prazo. Contribuiriam para que o SWB fosse uma medida invariante no tempo: a personalidade do indivíduo (EMMONS; DIENER, 1985; HEADEY; WEARING, 1989; MAGNUS *et al.*, 1993; SHELDON *et al.*, 1997; TELLEGEN *et al.*, 1988; YAP; ANUSIC; LUCAS, 2012); a existência de aspirações crescentes e capacidade de adaptação dos indivíduos (BRICKMAN; COATES; JANOFF-BULMAN, 1978; CLARK; GEORGELLIS, 2013; DIENER; LUCAS; SCOLLON, 2006; FREDERICK, 1999; REHDANZ *et al.*, 2015; UCHIDA; TAKAHASHI; KAWAHARA, 2014), e identidade cultural (INKELES, 2017).

Contrário à essa ideia de predominância de fatores fixos sobre o SWB, Veenhoven (1994) compila uma série de resultados onde ocorre uma variação significativa do SWB no longo prazo. Um trabalho pioneiro neste sentido, ao comparar efeitos de curto e longo prazo de fatores econômicos sobre felicidade foi o de Easterlin (1974): *Does Economic Growth Improve the Human Lot? Some Empirical Evidence*. Suas conclusões se tornaram populares na literatura econômica, dentre elas o chamado “Paradoxo de Easterlin”. Como seria esperado, foi observada uma relação positiva entre os níveis de renda e felicidade dentro de cada país. Contudo, sua pesquisa revelou uma considerável estabilidade no nível de SWB nacional durante o período analisado, mesmo na presença de persistente crescimento econômico.

A existência deste paradoxo tem sido questionada, especialmente por Stevenson e Wolfers (2008) e Sacks, Stevenson e Wolfers (2012). De fato, a literatura mostra que os efeitos marginais da renda sobre o bem-estar são mais altos nos menores níveis de renda onde indivíduos carecem de condições essenciais de *livability*, como nutrição, habitação e saneamento básico. Já para níveis de renda elevados o efeito é menor, ou seja, uma utilidade marginal do bem-estar subjetivo decrescente com a renda (CLARK; KRISTENSEN; WESTERGÅRD-NIELSEN, 2009; DIENER *et al.*, 1993; DIENER; BISWAS-DIENER, 2002; FERRER-I-CARBONELL, 2005; HEADEY; MUFFELS; WOODEN, 2008; KAHNEMAN; DEATON, 2010; ROJAS, 2007a; SCHYNS, 2002; VEENHOVEN, 1988; VEENHOVEN *et al.*, 1993; VEENHOVEN; HAGERTY, 2006).

O segundo grupo de fatores estudados como determinantes individuais do SWB corresponde às características sociodemográficas. Por vezes incluídas somente como variáveis de controle nos estudos entre renda e felicidade, também são analisadas detalhadamente de acordo com as hipóteses de cada pesquisa. As características mais recorrentes na literatura, e compiladas por Diener (1999), são as de saúde, etárias, maritais, ocupacionais, religiosas, e de gênero. As estimativas das relações destas variáveis sobre o bem-estar subjetivo divergem de acordo com a metodologia e a base de dados utilizada, mas algumas convergências teoricamente esperadas são encontradas. Estudos empíricos desde então têm testado todas estas opções, apresentando resultados com grau variável de aderência.

De maneira geral encontram-se **efeitos positivos** sobre o SWB: renda (CLARK; FRIJTERS; SHIELDS, 2008; DIENER; LUCAS; OISHI, 2018; EASTERLIN, 2010; FREY, 2008; KAHNEMAN; DEATON, 2010; LUTTMER, 2005), emprego (GREBNER *et al.*, 2003; LUCAS *et al.*, 2004; STUTZER; LALIVE, 2004), boa saúde (IDLER; KASL, 1997; SEN, 2002; STEPTOE; DEATON; STONE, 2015), casamento (KIM; MCKENRY, 2002; LUCAS *et al.*, 2003), socialização e frequência religiosa (BAUMEISTER; LEARY, 1995; PUTNAM, 2000) e educação (DIENER *et al.*, 2002; MURRELL; SALSMAN; MEEKS, 2004). Um efeito **negativo** sobre o SWB encontrado na literatura é do envelhecimento (BLANCHFLOWER; OSWALD, 2008; EASTERLIN, 2006; STEPTOE; DEATON; STONE, 2015), e efeitos ambíguos na questão de gênero (FUJITA; DIENER; SANDVIK, 1991; STEVENSON; WOLFERS, 2009).

### 2.3.2 Fontes de bem-estar na perspectiva nacional

A identificação dos determinantes do bem-estar subjetivo do ponto de vista individual leva ao questionamento sobre o mecanismo de influência destes fatores sobre o bem-estar nacional (ALESINA; DI TELLA; MACCULLOCH, 2004; ALESINA; FUCHS-SCHÜNDELN, 2007; BJØRNSKOV, 2003; DIENER; OISHI, 2000; GURIEV; ZHURAVSKAYA, 2009; HAGERTY; VEENHOVEN, 2003). Recorrer à agregação de dados individuais, com a finalidade de compor índices nacionais de SWB, causa alguma controvérsia. Seria possível utilizar estatísticas nacionais, como PIB e desigualdade, para compreender o nível médio de bem-estar de um país? Faz sentido comparar as diferentes interpretações de SWB entre países?

O mais amplo trabalho com comparações internacionais de SWB é publicado anualmente no *World Happiness Report*, desde o ano de 2012 (HELLIWELL; LAYARD; SACHS, 2019). Esse relatório organiza dados de bem-estar subjetivo para mais de 150 países (através da pesquisa *Gallup World Poll – GWP*), e estabelece um ranking para os resultados obtidos. Também utilizando a GWP, Deaton (2008), explora as diferenças entre médias e determinantes de SWB entre países. O que transparece nessas descrições é uma forte associação do nível de renda *per capita* e a satisfação declarada.

Consolidando resultados da literatura com dados da *WVS* e da *GWP*, Deaton (2008), Tay e Diener (2011), e Helliwell (2003) definem as duas principais observações do SWB para países:

- os países ricos são os que apresentam maior SWB, observação em linha com a teoria de necessidades básicas.
- a relação entre renda e SWB nacional é insignificante (ou inferior) entre os países ricos, observação em linha com a teoria de adaptação ou *setpoint*.

Contudo, quando a análise se volta para os países que não se encontram nos extremos dos *rankings* nacionais de SWB essas relações se mostram menos evidentes. Os países da América Latina, por exemplo, apresentam SWB médio acima do esperado, enquanto países asiáticos apresentam SWB abaixo do esperado (DIENER; KAHNEMAN; HELLIWELL, 2010; GRAHAM, 2012; GRAHAM; PETTINATO, 2001, 2002; HOWELL; HOWELL, 2008; TELLA; MACCULLOCH; OSWALD, 2003). Essa lacuna poderia, portanto, representar

diferenças de personalidade e valores associados a culturas distintas, o que será investigado nas seções seguintes.

### 3. BEM-ESTAR SUBJETIVO E CULTURA

A hipótese de que aspectos culturais influenciam o SWB fornece uma explicação adicional para as diferenças no nível de bem-estar subjetivo entre países, para além das condições de *livability* propostas por Veenhoven et al. (1993) Uma vez que essa teoria não consegue explicar algumas inconsistências entre as médias de SWB para países, a investigação sobre o traço cultural pode ajudar a preencher uma lacuna do modelo.

É uma tarefa difícil elencar todos os elementos que poderiam constituir o conceito de cultura, e ainda mais controverso estabelecer sua relação com o SWB. Grosso modo, o que se propõe é o reconhecimento de que a cultura, como conjunto de valores, formas de relações, crenças e instituições, molda a percepção dos indivíduos de cada comunidade. Portanto, uma vez que comunidades diferentes possuem culturas distintas, é de se esperar que as percepções dos indivíduos sobre o conceito e constituição de bem-estar sejam diferentes (FULMER *et al.*, 2010; INGLEHART; KLINGEMANN, 2000; LU; GILMOUR, 2004; OISHI, 2010).

Os estudos envolvendo questões culturais permaneceram durante muito tempo sob a guarda da antropologia e, em menor grau, da sociologia. A tradição antropológica utiliza, dentre outras ferramentas, a observação participante, desenvolvendo análises etnográficas de comunidades pequenas, muitas vezes à margem da sociedade ocidental moderna (MELLO, 2015). Essa análise detalhada de culturas, com preferência às construções qualitativas, impôs sérias críticas aos vieses etnocêntricos empregados por outros cientistas sociais. A antropologia defende a perspectiva do relativismo cultural, ou seja, a comparação de diferentes culturas deve ser evitada, senão vedada, por representarem construções sociais e históricas totalmente distintas (JOHNSTON *et al.*, 2012; MATHEWS; IZQUIERDO, 2009). Contudo, pesquisas em Psicologia e Economia identificaram algumas diferenças nacionais sistemáticas nos conceitos sobre emoções, valores e preferências, e se debruçaram sobre os dados quantitativos e qualitativos colhidos de maneira mais impessoal.

As comparações entre os níveis de SWB de diferentes países, apresentados na seção 2.3.2, são um exemplo deste tipo de abordagem menos preocupada com o relativismo cultural, ainda que admitam o caráter qualitativo envolvido nas construções de bem-estar. O primeiro grande estudo no que incorporou a hipótese de variáveis culturais moderadoras foi publicado por Diener, Diener e Diener (2009), através de dados de 55 países. Estes autores observaram que nações mais ricas e com maior SWB apresentam maior grau de individualismo e maior correlação entre autoestima e SWB do que nações mais pobres.



Resultados adicionais compilados por Suh, Diener e Updegraff (2008) e Suh (2002) apontam para a percepção de emoções como construções psicossociais. Nessa visão, os contextos culturais são mediadores do processo cognitivo por detrás das autoavaliações de bem-estar. A questão que se impõe é que culturas diferentes apresentam conceitos distintos de objetivos e de bem-estar. Não existiria uma rota única para alcançar um estado de satisfação com a vida, ou de felicidade. Em casos extremos essas sensações poderiam até não ser desejadas (KITAYAMA; MARKUS, 2000; OISHI, 2010).

A relação entre aspectos culturais e a estrutura do bem-estar subjetivo remete à discussão iniciada na seção 2.3.1 sobre aspectos fixos ou variáveis na percepção. Em última instância esse debate pode ser analisado sob a ótica da teoria das emoções, e a clássica controvérsia “*Nurture vs. Nature*”<sup>4</sup>. As sensações de bem-estar seriam uma verdade biológica ou um mero conceito social? Caso a balança penda para o lado social, faria sentido adotar a postura prudente dos antropólogos e enfatizar o peso das convenções culturais específicas sobre o SWB. Se a perspectiva biológica for abraçada seria possível advogar uma posição mais alinhada à universalidade de emoções, e do peso das circunstâncias sobre o SWB. Uma alternativa seria buscar uma solução intermediária entre essas posições, considerando que existem fatores fixos e variáveis afetando o bem-estar subjetivo.

### 3.1 CONTEXTOS EXTERNOS E PERCEPÇÕES SUBJETIVAS

Não é trivial estabelecer uma relação unívoca e unidirecional entre aspectos culturais e SWB. A quantidade de variáveis teóricas com potencial relevante neste tipo de modelo é tão grande quanto o montante de fontes endógenas. A proposta adotada nesta dissertação é uma visão intermediária entre o social e o inato, como defendido por Campos, Campos e Barrett (1989), Frijda, Manstead e Bem (2000), Lutz e White (1986) e Lutz (1986a). Nesta perspectiva, as emoções são construídas através da interação entre processos individuais (psicológicos, neurológicos ou fisiológicos) e coletivos (ambiente social e instituições culturais). O nível de bem-estar dependeria, portanto, do alinhamento, na maior parte do tempo involuntário, dos processos cognitivos internos aos contextos externos.

Para entender o papel da cultura na formação das percepções, e conseqüentemente do bem-estar subjetivo, é didático retroceder à sistematização do funcionamento das emoções. Na

---

<sup>4</sup> (BARRETT, 2017; CONNER; MARKUS, 2013; KITAYAMA; MARKUS, 1994; LUTZ, 1986b; MARKUS; KITAYAMA, 1991, 1994, 2010; SAPOLSKY, 2017; VEENHOVEN, 2005; WIERZBICKA, 1986).

seção 2.3.1 os determinantes do SWB foram divididos em fixos e variáveis. O modelo de interação entre cultura e emoções complementa teoricamente essa segmentação. O modelo mais básico de funcionamento das emoções envolveria três etapas: i) reconhecimento das situações; ii) reações fisiológicas a essas percepções; e iii) manifestação do comportamento (BARRETT, 2017).

A tradição sociológica funcionalista estabelece como as emoções cumprem um propósito central para a sobrevivência cotidiana (MEAD; SCHUBERT, 1934). Na seção 2.3 é descrito como as necessidades humanas básicas possuiriam um grau elevado de universalidade. Ainda que as circunstâncias de ação e sobrevivência variem em cada contexto cultural, parte destes eventos, sejam benéficos ou prejudiciais, fazem parte indistintamente da vivência humana. A realização dessas necessidades seria a base para estabelecer um núcleo de emoções primárias universais, como prazer e alegria, tristeza e raiva.

Um segundo grupo de emoções, consideradas mais específicas, seriam mais afetadas pelo contexto social, seja na frequência, estrutura ou até mesmo existência. Dentre estas, pode-se elencar orgulho, gratidão, culpa e inveja. O bem-estar subjetivo, como uma medida de avaliação de todos os aspectos da vida, englobaria a manifestação de eventos tanto universais quanto circunstanciais. Portanto, as percepções, as ações, e os pesos que são atribuídos aos eventos, são mediados pela estrutura cultural (MESQUITA; FRIJDA, 1992; SCHIMMACK *et al.*, 2002). Ainda que o indivíduo adote uma posição de forte independência, seus objetivos de vida e seus valores serão influenciados pelas suas interações sociais, e suas ações serão julgadas com base na estrutura cultural vigente.

### 3.2 DEFINIÇÃO DE CULTURA

Uma vez consolidada a hipótese da influência de aspectos culturais sobre as emoções, e conseqüentemente na autopercepção de satisfação dos indivíduos, é necessário retroceder mais um passo, e tentar fixar uma definição de cultura no contexto deste trabalho. Qualquer esforço nesse sentido é uma tarefa complicada, pelo risco da adoção de categorias muito estritas e pouco representativas, ou contrariamente uma abordagem muito ampla, incorrendo em um relativismo excessivo.

A abordagem de cultura aqui adotada enfatiza os aspectos emocionais e comportamentais, em linha com o objetivo de investigar o bem-estar subjetivo: “*Culture is information capable of affecting individuals’ behavior that they acquire from other members*

*of their species through teaching, imitation, and other forms of social transmission*” (RICHERSON; BOYD, 2008, p. 5). Essa definição pode ajudar a compreender a relação de sentimentos de bem-estar e identidades culturais, através da ênfase no elemento cultural primário: a informação<sup>5</sup>.

Por sua vez, essa definição de cultura, estruturada pela ótica da informação, incorpora quatro constituintes: as personalidades (os *selves*), as interações, as instituições, e as ideias. Esses elementos se conectam às percepções cognitivas, concebendo um sistema de significados para uma determinada estrutura social (TRIANDIS, 1989). Eles são, formal ou informalmente, institucionalizados e oferecem uma espécie de guia de princípios e de conduta. Ao serem compartilhadas por um grupo e praticadas no cotidiano, tornam-se um paradigma de naturalidade e de ação, uma espécie de inconsciente coletivo (CHAO, 2001; MARKUS; KITAYAMA, 1991, 2010).

### 3.3 TIPOS DE SELVES

O fator cultural mais explorado na literatura do SWB é o *self*. Define-se o *self* como:

Um processo de atividade reflexiva que inclui nosso fluxo de consciência subjetivo (percepções, pensamentos, sentimentos, planos e escolhas), assim como [...] um ser físico, social e moral. [...] um processo reflexivo que nos permite formular, monitorar, controlar e reagir ao nosso próprio comportamento. (SANDERSTROM; MARTIN; FINE, 2016, p. 216).

A literatura do SWB utiliza dois tipos de *self* moderadores de bem-estar, que representam duas estruturas opostas de personalidade psicossocial. São as visões de *self* independentes e interdependentes, conhecidas respectivamente também na psicologia como idiocentrismo e alocentrismo, e que podem representar de características e visões de mundo de indivíduos em diferentes culturas (TRIANDIS, 1989; TRIANDIS *et al.*, 1985, 1988).

A construção da experiência subjetiva do *self* independente, de acordo com Markus e Kitayama (2010) é baseada na forte atribuição aos aspectos “privados e internos”. Os objetivos e as ações são coordenados para satisfação de seus próprios desejos. Dessa maneira, a lógica independente promove a busca pelo bem-estar como um valor em si mesmo, e esse estado é atingido ao desempenhar um comportamento autônomo e positivamente distinto do grupo em

---

<sup>5</sup>“By information we mean any kind of mental state, conscious or not, that is acquired or modified by social learning and affects behavior” (RICHERSON; BOYD, 2008, p. 5) .

que ele está inserido. Já o *self* interdependente representa a experiência subjetiva através da relação com o próximo, ou seja, valorizando aspectos “públicos e externos”. Neste caso, como Markus e Kitayama (2010) ressaltam, o comportamento é pautado pela conformidade com os valores do grupo, no respeito a hierarquias e tradições. Ou seja, o *self* é forjado na vivência coletiva. A sensação de bem-estar, ao contrário da visão independente, não seria um objetivo, e sim uma consequência do cumprimento dos papéis estabelecidos pela sociedade.

Estes dois tipos de *self* possuem origens históricas que estão atreladas ao desenvolvimento de diferentes modos de pensamento sobre as grandes questões da humanidade, e que são condicionadas pelas estruturas econômicas subjacentes. Ao mesmo tempo, as características sociodemográficas e a dotação de recursos determinam a organização daquela sociedade e de seus valores. Como ressaltado na seção 3.1, esse processo é ininterrupto e autorreferente.

A estrutura de pensamento independente tem sua origem traçada na formação da escola filosófica grega, na ideia da busca pelo ordenamento sistemático do universo e da composição da matéria. A história do pensamento ocidental, desde sua concepção até sua consolidação no período do Iluminismo, é marcada pela ideia de mecanismos determinísticos e regularidades. Do ponto de vista da associação com o bem-estar, seria uma visão alinhada a ideia de controle, de autonomia. Ressalta-se também uma contribuição da filosofia religiosa judaico-cristã através da valorização de aspectos individuais como propósito de vida, e mais especificamente no contexto protestante, no esforço de trabalho e acumulação de realizações materiais (KITAYAMA *et al.*, 1997; KITAYAMA; MARKUS; KUROKAWA, 2000; KOBAYASHI; BROWN, 2003; MATSUMOTO; SEUNG HEE YOO; FONTAINE, 2008; NISBETT, 2004).

No outro lado da ponta, o *self* interdependente seria representado por diversas filosofias de pensamento orientais, como o Budismo, o Confucionismo, o Taoísmo e o Xintoísmo. Essas escolas enfatizariam outro método de compreensão de mundo, um olhar menos determinístico, mais aleatório e dialético. Existiria uma maior aceitação das contradições, de forças externas incontrolláveis pela ação humana e do funcionamento holístico do universo, resultando em um olhar menos introspectivo e mais harmonioso com o coletivo na construção da ideia de bem-estar (CHOI; KIM, 2003; HEINE; HAMAMURA, 2007; HEINE; TAKATA; LEHMAN, 2000; STIGLER; SMITH; MAO, 1985).

Uma série de estudos empíricos entre culturas identificaram alguns destes padrões de percepção e comportamento. Essas relações são mais evidentes na comparação entre nações

símbolos do pensamento independente, como a Europa Ocidental e os Estados Unidos, e pelo lado interdependente nações asiáticas como Coréia do Sul, China e Japão. A compilação de alguns resultados destas pesquisas (SCHIMMACK; OISHI; DIENER, 2002; SCOLLON *et al.*, 2004; TSAI; KNUTSON; FUNG, 2006) contribui para a compreensão da influência do modo de pensar sobre as elaborações de sentimentos subjetivos:

- Asiáticos são mais discretos, calmos e modestos na demonstração de sentimentos, enquanto americanos sentem maior necessidade de expor suas qualidades e individualidades.
- Experimentos demonstram que gatilhos culturais Ocidentais e Orientais acionam comportamentos e percepções competitivas (independentes) ou cooperativas (interdependentes).
- Símbolos culturais, como anúncios e discursos, promovem no caso Ocidental valores como liberdade de escolha, exclusividade e alegria; e no caso Oriental valores relacionados à amizade, respeito às tradições e harmonia coletiva.

O desafio ao trabalhar com um espectro tão amplo de valores do ponto de vista empírico é reduzir esses dados a uma variável operacionalizável. Ao mesmo tempo, existe o interesse em caracterizar esses valores numa perspectiva nacional, de modo a utilizá-los como um componente moderador do SWB. Nesta dissertação o artifício utilizado para isso será a utilização das dimensões culturais, exploradas na próxima seção.

### 3.4 DIMENSÕES CULTURAIS

As dimensões culturais, de acordo com Minkov (2012), são ferramentas de análise entre diferentes culturas, construídas de forma a estabelecer um contínuo, formado por algumas variáveis correlacionadas, que capturam a maior variância do fenômeno cultural de interesse. A construção de dimensões não é baseada em estereótipos culturais, e sim na prevalência de um determinado conjunto de valores, práticas e percepções, relativamente a outras culturas. Seria possível afirmar, probabilisticamente, sem assumir posições determinísticas, que culturas distintas concentram características similares dentro de suas “fronteiras”, reduzindo essas “características” em polos opostos comparáveis (HOFSTEDE, 2001; HOFSTEDE; HOFSTEDE; MINKOV, 2010; SUH *et al.*, 1998; TRIANDIS, 1994; TRIANDIS *et al.*, 1988).

Em geral, essas dimensões são criadas com a ajuda de ferramentas estatísticas, principalmente por análise multivariada, conforme será explorado na seção 4.3. Elas podem ser utilizadas como índices comparativos entre países e como variáveis explicativas moderadoras como no caso de modelos de determinação de SWB. Trata-se da perspectiva adotada neste trabalho, cuja operacionalização será tratada através do método de Análise de Componentes Principais.

A dimensão adotada com maior frequência no estudo do bem-estar subjetivo, e que também será adotada nesta dissertação, é a do Individualismo–Coletivismo (HOFSTEDE, 2001; HOFSTEDE; HOFSTEDE; MINKOV, 2010; SCHIMMACK; OISHI; DIENER, 2002; TRIANDIS, 2001; TRIANDIS *et al.*, 1988). Essa dimensão é construída considerando a predominância de *selves* independentes (individualismo) e interdependentes (coletivismo). A principal observação empírica na literatura do SWB é de que culturas individualistas, onde existe maior liberdade de escolha e o bem-estar pessoal é valorizado, apresentam maior nível de SWB do que culturas coletivistas (DIENER; DIENER; DIENER, 2009; DIENER; OISHI; LUCAS, 2003; SUH; DIENER; UPDEGRAFF, 2008)<sup>6</sup>.

Seria possível replicar alguns destes resultados com a base de dados *World Values Survey* e identificar esse efeito nível sobre o SWB em diferentes zonas culturais? Parte destes trabalhos compilados em Diener; Diener; Diener (2009) utilizam bases de dados não disponíveis ao público, dificultando a replicabilidade de seus resultados. Essa dissertação avança ao adotar um método de redução de dados, a Análise de Correspondência Múltipla, que contempla a estrutura correlacionada e ordinal das perguntas de valores inclusas nas base, reduzindo a arbitrariedade na construção do índice cultural. Esse índice, representado aqui pela dimensão Individualismo-Coletivismo, contribuiria para entender as diferenças regionais no nível de SWB para além das variáveis socioeconômicas, nos moldes da decomposição entre efeitos fixos e variáveis discutidos nas seções 2.2 e 2.3? A próxima seção apresenta a metodologia empírica adotada neste trabalho, bem como explicita formalmente essa hipótese apresentada, ou seja, se valores culturais afetam o nível de SWB.

---

<sup>6</sup> Existem outras dimensões culturais exploradas na literatura de comparação entre culturas (HOFSTEDE; HOFSTEDE; MINKOV, 2010), como por exemplo *power distance*, *masculinity/femininity*, *long term orientation/short term orientation*, mas não são exploradas na literatura do SWB, portanto não serão abordadas neste trabalho.

## 4. METODOLOGIA

Esta seção trata dos aspectos metodológicos da pesquisa, que consiste em testar os efeitos de influências culturais sobre o SWB dos diferentes países. Primeiramente, se apresenta a base de dados adotada, justificando a escolha por ela, bem como a seleção das variáveis a serem consideradas. Em seguida, parte-se para a explicação da estratégia empírica, que consiste em duas etapas: a construção de um índice da dimensão cultural Individualismo-Coletivismo, e na estimação de modelos econométricos multinível a fim de identificar o efeito de variáveis individuais e contextuais sobre o nível de bem-estar subjetivo. O objetivo central é verificar de que forma aspectos culturais influenciam o SWB, levando em conta as diferenças características entre nações.

### 4.1 BASE DE DADOS

A pesquisa mais abrangente, longa e aberta sobre percepções e valores é realizada por uma organização não governamental e sem fins lucrativos, a *World Values Survey Association*. Trata-se de uma rede mundial de cientistas sociais, que aplicam de maneira periódica um amplo questionário contendo perguntas de cunho econômico, político, social, religioso e comportamental. Seus resultados são divulgados a cada quatro anos, desde 1981, quando contemplava apenas países europeus, na *European Values Survey (EVS)*. A partir de 1990, países de todo o mundo passaram a compor a pesquisa, dando origem à *World Values Survey (WVS)*.

Atualmente, a WVS acumula dados de amostras representativas para mais de 100 países, que compreendem quase 90% da população mundial em todos os continentes, permitindo a comparação entre países dos mais diversos contextos econômicos, sociais e culturais. Cada país é representado por uma amostra de aproximadamente 1.000 indivíduos em cada edição (onda ou *wave*) da pesquisa, que atualmente encontra-se na sua sétima edição, realizada entre os anos 2017-2020. A edição utilizada como base para a análise deste trabalho é a sexta, compreendendo os anos de 2010-2014 (INGLEHART *et al.*, 2020), até então o período com o maior número de países pesquisados, e que possui razoável contemporaneidade.

A edição mais recente da WVS não foi utilizada neste trabalho, pois abandonou um grupo homogêneo de perguntas de valores comportamentais, aplicada em praticamente todos os países até a WVS – Onda 6, e que permite construir um índice amplo de valores culturais. Para alguns países que não foram pesquisados nesta *Wave 6*, optou-se por incluir os dados

compatibilizados da WVS – Onda 5 (2005-2009)<sup>7</sup>, contabilizando um potencial de aproximadamente 100 mil observações individuais. Dessa maneira, a análise tem uma característica de *cross-section*, uma vez que cada país aparece somente em um único período de tempo no modelo. Também são utilizados dados de nível socioeconômico agregado da base *World Bank Database*, no caso específico os valores de PIB per capita (WORLD BANK, 2022a) e de índice de desigualdade de Gini (WORLD BANK, 2022b), referentes aos respectivos anos das observações da WVS.

#### 4.2 VARIÁVEL DEPENDENTE

Os dados de bem-estar subjetivo utilizados como variável dependente são extraídos da *World Values Survey (Wave 5 e 6)*, com base na questão: “Como um todo, o quão satisfeito com a sua vida você está?”. As respostas são categóricas, em uma escala numérica onde a primeira categoria representa a escolha “Completamente insatisfeito”, até a décima e última categoria “Completamente satisfeito”. Trata-se de uma escala numérica, de 1 a 10, que será tratada, conforme abordado usualmente na literatura do SWB, como uma aproximação de variável contínua.

#### 4.3 VARIÁVEL EXPLICATIVA DE INTERESSE, E ANÁLISE MULTIVARIADA.

A bases de dados WVS contém uma série de questões sobre valores culturais que esta dissertação utilizará para a construção do índice de individualismo, que representa a dimensão cultural abordada teoricamente na seção 3.4. Esse índice, composto pela percepção e atitude dos indivíduos em cada país sobre nove questões comportamentais, será o fator moderador adicional do efeito sobre o bem-estar subjetivo. O índice será utilizado como variável em um modelo multinível para determinação do SWB, buscando explicar a diferença do nível de SWB entre países para além das variáveis socioeconômicas tradicionais, que serão apresentadas no Quadro 2 da seção 4.4, no grupo de variáveis de 1º nível.

A literatura de análise de dados multivariada apresenta algumas ferramentas para redução e agrupamento de dados. Nesta seção a discussão dos modelos teóricos de análise multivariada é derivada das considerações de Fávero e Belfiore (2017), Mingoti (2007) e Greenacre (2017). Algumas aplicações desses métodos apenas identificam similaridades e

---

<sup>7</sup> Países incluídos pela WAVE 5: Áustria, Bélgica, Croácia, Dinamarca, Eslováquia, Grécia, Irlanda, Islândia, Letônia, Lituânia, Luxemburgo, Portugal, República Tcheca.



padrões de distribuição, como em uma análise preliminar de associação entre variáveis. Um segundo tipo de utilização dessas ferramentas é a redução de uma série de variáveis correlacionadas em uma quantidade menor de variáveis que representem um fenômeno em comum entre si. Esse tipo de redução de dados permite a construção de índices, evitando a alocação arbitrária de pesos entre diferentes variáveis.

O método de análise multivariada mais utilizado é o método de Análise de Componentes Principais (*Principal Components Analysis - PCA*). Trata-se de um método utilizado para agrupar dados em fatores ortogonais com base nas variâncias e combinações lineares das variáveis. Contudo esse método não é indicado para tratamento de variáveis qualitativas, ou escalas ordinais do tipo *Likert* (“não concordo”, “não concordo muito”, “concordo um pouco”, “concordo muito”), justamente as variáveis de interesse utilizadas nessa dissertação e na maioria dos *surveys* comportamentais. Para análise deste tipo de variável categórica o método indicado é Análise de Correspondência Múltipla (*Multiple Correspondence Analysis - MCA*), que guarda algum tipo de semelhança ao método PCA, no sentido de encontrar associações entre diferentes variáveis, mas possuem operacionalizações distintas.

O método MCA trata os dados qualitativos partindo de uma tabela de frequência, ou seja, computando ocorrências de eventos, sejam únicos (por exemplo uma variável binária), ou múltiplos (no caso de uma variável categórica). Essa tabela de frequência é representada por uma matriz  $\mathbf{Z}$ , onde cada linha representa um índice  $i = 1, \dots, N$  das observações, e as colunas são formadas por um índice  $j = 1, \dots, q$  de variáveis, e um índice  $h = 1, \dots, n_j = 1, \dots, J$  das categorias de cada variável analisada. Essa matriz  $\mathbf{Z}$  é convertida em uma matriz quadrada do tipo *Burt*, de formato  $\mathbf{B} = \mathbf{Z}'\mathbf{D}(w)\mathbf{Z}$ , onde a matriz  $\mathbf{D}(w)$  é uma matriz de ponderação com base na frequência relativa das observações.

A partir da matriz  $\mathbf{B}$ , é possível estabelecer a matriz  $\mathbf{S} = \mathbf{D}(c)^{-\frac{1}{2}}(\mathbf{P} - cc')\mathbf{D}(c)^{-\frac{1}{2}}$ , análoga a uma matriz de resíduos, onde o termo  $(\mathbf{P} - cc')$  representa o desvio da observação  $c_{ij}$ , em relação a frequência esperada  $p_{ij}$ . A decomposição inercial, que nada mais é do que encontrar os autovalores  $\varphi_1 \geq \varphi_2 \geq \dots$  da matriz  $\mathbf{S}$ , é capaz de apontar estatisticamente o grau de associação das variáveis testadas, bem como o percentual de variação que cada dimensão é capaz de explicar, ou seja, quanto maior a inercia total, maior o grau de associação entre as observações.

Um dos resultados possíveis de uma MCA é uma matriz de coordenadas que mostram a associação entre as variáveis analisadas, ou vetores das coordenadas de cada observação dessa base de dados com respeito ao grupo de variáveis analisadas. Essas coordenadas são calculadas através somatório para a  $t$ -ésima dimensão e  $i$ -ésima observação, até a  $j$ -ésima categoria de cada variável, conforme Equação (1):

$$R_{it} = \sum_{h=1}^J \frac{Z_{ih} A_{ht}}{q\sqrt{\varphi_t}} \quad (1)$$

Onde,  $\mathbf{A}$  é uma matriz de coordenadas padrão construída com os autovetores  $\mathbf{V}(\varphi)$ ,  $q$  é o número de variáveis,  $\varphi_t$  os autovalores da matriz  $\mathbf{S}$ , e pela matriz original  $\mathbf{Z}$ . Nestas coordenadas, os indivíduos mais próximos uns dos outros representam aqueles cujos valores se assemelham, e os mais distantes, cujos valores guardam menor semelhança. Ao reduzir a informação de um conjunto de 9 variáveis em um único vetor, este será o vetor que representará o índice de individualismo.

O último passo é a normalização dos valores do índice (Equação (2)), numa escala de 0 a 100, onde 0 representa o menor grau de individualismo (ou maior coletivismo), e 100 a maior predominância de comportamentos e valores declarados de caráter individualista (ou menor coletivismo). Para cada país ou grupo cultural apresentado na seção 5.1 será calculado uma média simples de seus valores, representando a prevalência de valores individualistas naquele grupo.

$$\text{Individualismo} = \frac{R_{it} - \min(R_{it})}{\max(R_{it}) - \min(R_{it})} * 100 \quad (2)$$

O critério para a seleção das variáveis que passaram pelo método MCA envolve um certo grau de arbitrariedade, uma vez que as bases de dados possuem um elevado número de questões comportamentais, e uma alta heterogeneidade na assertividade das respostas entre diferentes países contidos na amostra. O primeiro critério foi buscar questões que possuíssem a maior similaridade possível nos formatos das perguntas ou respostas do questionário. O segundo critério foi. Esses critérios reduzem consideravelmente o número de variáveis possíveis, mas são necessários buscar questões que tivessem elevado grau de respostas em todos os países da amostra para comparações entre indivíduos e grupos distintos. Dessa maneira

identificou-se na WVS uma série de 9 questões idealizadas por Schwartz (2012) para medição de valores dos indivíduos, que atendem aos dois critérios citados, e são descritas no Quadro 1.

### Quadro 1 – Composição do índice de Individualismo para WVS.

Valores Culturais	Indique para cada descrição, se essa pessoa é muito parecida com você, um pouco parecida, não muito parecida ou nem um pouco parecida.	
Criatividade	É importante para essa pessoa ter novas ideias e ser criativa; fazer as coisas do seu jeito.	Categórica, 6 intervalos, onde 1 "muito pouco parecido com você" é até 6 "muito parecido com você".
Riqueza	É importante para essa pessoa ser rica, ter muito dinheiro e bens materiais.	Categórica, 6 intervalos, onde 1 "muito pouco parecido com você" é até 6 "muito parecido com você".
Segurança	É importante para essa pessoa viver em um local seguro, evitar qualquer situação que possa ser perigosa.	Categórica, 6 intervalos, onde 1 "muito pouco parecido com você" é até 6 "muito parecido com você".
Bom momento	É importante para essa pessoa ter um bom momento.	Categórica, 6 intervalos, onde 1 "muito pouco parecido com você" é até 6 "muito parecido com você".
Sucesso	É importante para essa pessoa ser bem sucedida, ser reconhecida por suas conquistas.	Categórica, 6 intervalos, onde 1 "muito pouco parecido com você" é até 6 "muito parecido com você".
Risco	É importante para essa pessoa aventurar-se e arriscar-se, viver uma vida excitante.	Categórica, 6 intervalos, onde 1 "muito pouco parecido com você" é até 6 "muito parecido com você".
Bom comportamento	É importante para essa pessoa sempre comportar-se adequadamente, evitar dizer algo que possa soar errado aos outros.	Categórica, 6 intervalos, onde 1 é "muito parecido com você" até 6 "muito pouco parecido com você".
Preocupação ambiental	É importante para essa pessoa cuidar do meio ambiente, e poupar recursos vitais.	Categórica, 6 intervalos, onde 1 é "muito parecido com você" até 6 "muito pouco parecido com você".
Tradição	É importante para essa pessoa seguir a tradição, os costumes transmitidos pela religião e família.	Categórica, 6 intervalos, onde 1 é "muito parecido com você" até 6 "muito pouco parecido com você".

Fonte: Elaboração do autor, com dados da *World Values Survey*, baseado nas questões de valores de Schwartz (2012).

#### 4.4 VARIÁVEIS DE CONTROLE.

A lista de variáveis utilizada nas estimações econométricas é descrita no Quadro 2, e incluem variáveis comumente utilizadas nos estudos do SWB, conforme a literatura apresentada nas seções 2.3, e 3.4:

**Quadro 2 - Lista de Variáveis**

Variável Dependente	Questão	Descrição
<b>Satisfação</b>	Como um todo, o quão satisfeito com a sua vida você está?	Escala numérica, onde 1 é "Completamente insatisfeito" até 10, "Completamente satisfeito".
<b>Variáveis de 1º nível</b>		
<b>Gênero</b>		1 se sexo feminino; 0 se sexo masculino.
<b>Idade</b>		Idade em anos
<b>Estado Civil</b>		
Casado	Qual o seu estado civil?	1 se casado; 0 caso contrário
Coabitando		1 se coabitando; 0 c.c.
Divorciado		1 se divorciado; 0 c.c.
Viúvo		1 se viúvo; 0 c.c.
Solteiro		1 se solteiro; 0 c.c. (categoria omitida)
<b>Saúde</b>		
Ruim	Como um todo, como você descreveria seu estado de saúde atual?	1 se declarou estado de saúde ruim; 0 c.c. (categoria omitida)
Regular		1 se declarou estado de saúde regular; 0 c.c.
Bom		1 se declarou estado de saúde bom; 0 c.c.
Muito bom		1 se declarou estado de saúde muito bom; 0 c.c.
<b>Ocupação</b>		
Empregado	Qual a sua ocupação no momento?	1 se estava empregado; 0 c.c.
Aposentado		1 se estava aposentado; 0 c.c.
Estudante		1 se estava estudando; 0 c.c.
Desempregado		1 se estava desempregado; 0 c.c. (categoria omitida)
<b>Renda</b>		
Categoria 1	Nesta escala de renda, onde 1 representa o grupo de renda mais baixa e 10 o grupo de renda mais elevada no seu país, em qual grupo de renda sua família está?	1 se pertence à primeira faixa de renda; 0 c.c. (categoria omitida)
Categoria 2		1 se pertence à segunda faixa de renda; 0 c.c.
Categoria 3		1 se pertence à terceira faixa de renda; 0 c.c.
Categoria 4		1 se pertence à quarta faixa de renda; 0 c.c.
Categoria 5		1 se pertence à quinta faixa de renda; 0 c.c.
Categoria 6		1 se pertence à sexta faixa de renda; 0 c.c.
Categoria 7		1 se pertence à sétima faixa de renda; 0 c.c.
Categoria 8		1 se pertence à oitava faixa de renda; 0 c.c.
Categoria 9		1 se pertence à nona faixa de renda; 0 c.c.
Categoria 10		1 se pertence à décima faixa de renda; 0 c.c.
<b>Educação</b>		
Sem instrução/primário incompleto	Qual o maior nível educacional você alcançou?	1 se não teve educação formal ou primário completo; 0 c.c. (categoria omitida)
Primário completo/secundário incompleto		1 se concluiu o primário, mas não o secundário; 0 c.c.
Secundário completo/superior incompleto		1 se concluiu o secundário, mas não o superior; 0 c.c.
Superior completo		1 se concluiu o ensino superior; 0 c.c.
<b>Igreja</b>		
Nunca ou praticamente nunca	Qual a sua frequência a serviços religiosos?	1 se nunca (ou quase nunca) frequenta; 0 c.c. (categoria omitida)
Uma vez ao ano, ou menos dias sagrados		1 se frequenta uma vez ao ano, ou menos; 0 c.c.
Uma vez ao mês		1 se frequenta apenas em dias sagrados; 0 c.c.
Uma vez por semana ou mais.		1 se frequenta uma vez ao mês; 0 c.c.
<b>Filhos</b>	Quantos filhos você tem?	1 se frequenta uma (ou mais de uma) vez por semana; 0 c.c.
<b>Variáveis de 2º Nível</b>		
<b>PIB per capita</b>		PIB per capita, em dólares de 2022; respectivamente ao ano utilizado na WVS.
<b>Desigualdade</b>		Índice de Gini; respectivamente ao ano utilizado na WVS.
<b>Individualismo</b>		Índice construído conforme a seção 4.3.

Fontes: Elaboração do autor, com base nos dados da *World Values Survey* e *World Bank Database*. Obs: (c.c.: caso contrário.)

#### 4.5 MODELAGEM ECONOMÉTRICA MULTINÍVEL

A análise de características sociais pode ser melhor compreendida levando em consideração os diferentes níveis de influência sobre um determinado fenômeno de interesse. Ao estabelecer uma hipótese sobre as percepções de vida dos indivíduos e seu comportamento, é necessário contemplar a existência de mecanismos inerentes e extrínsecos, abrindo espaço também para uma provável interação entre estes processos. Dessa maneira, na perspectiva teórica, uma modelagem multinível que se proponha a explicar atributos psicológicos deve reconhecer a influência de grupos no qual o indivíduo está inserido.

Também chamada de abordagem hierárquica, a modelagem multinível leva em conta o fato de que indivíduos estão aninhados em subconjuntos definidos, cada qual com seus atributos particulares, ainda que pertencentes a um conjunto superior onde compartilham similaridades. A forma mais simplificada deste tipo de modelagem, para o interesse dessa pesquisa, leva em conta a existência de dois níveis, um individual e outro nacional, como descrito por Van de Vijver, Van Hemert e Poortinga (2015).

A influência cultural nos aspectos mais diversos de uma sociedade é representada por um modelo em que as variáveis de nível superior representem as características de toda a população, como o contexto político, social e ecológico. As nações muitas vezes são constituídas por diversos grupos culturais, mas é possível identificar muitos traços comuns entre seus habitantes, tomando o cuidado de não incorrer em estereotipização. Assim, os dois níveis podem ser definidos como indivíduos e países, cada qual apresentando algum tipo de influência na variável de interesse: o bem-estar subjetivo.

A opção pela utilização de modelos hierárquicos baseia-se na provável existência de variabilidade do SWB que corresponde ao país de residência, mesmo após o controle pelas características individuais. Logo, acredita-se que indivíduos com características sociodemográficas e comportamentais semelhantes, mas situados em países diferentes, apresentam distintos níveis de SWB em decorrência de atributos intrínsecos, como os culturais.

A explicação sobre o funcionamento dos chamados modelos multinível, também conhecidos na literatura como modelos hierárquicos ou aninhados, é aqui apresentada com base em Raudenbush e Bryk (2002). Essa modelagem popularizou-se por permitir a estimação de modelos que contemplem diferentes interceptos e inclinações para grupos heterogêneos. Com

isso, é possível identificar como as variáveis medidas em um dado nível conseguem influenciar as relações em um outro nível.

Para o caso desta pesquisa, a variável de interesse é o SWB individual, mensurado no primeiro nível de análise (o indivíduo). No segundo nível tem-se o país no qual o indivíduo reside. As variáveis explicativas, reportadas no Quadro 2, contemplam características de ambos os níveis. Portanto, a especificação funcional do modelo de regressão a ser estimado é dado por:

$$SWB_{ij} = f(\mathbf{X}, \mathbf{W}) \quad (3)$$

Em que  $SWB_{ij}$  corresponde ao nível de bem-estar subjetivo do indivíduo  $i$  no país  $j$ ;  $\mathbf{X}$  contempla características a nível individual, ou seja, variáveis sociodemográficas tradicionais na literatura; e  $\mathbf{W}$  diz respeito às características a nível nacional, tais como os indicadores de PIB per capita e desigualdade, e o índice de individualismo nacional.

O modelo multinível mais simples é o ANOVA com efeitos aleatórios, também chamado de modelo nulo. Este não possui regressores e apresenta termo de erro dado por  $r_{ij} \sim N(0, \sigma^2)$ . É utilizado como uma análise preliminar de uma base de dados com características hierárquicas, pois com ele é possível captar a variabilidade dentro dos grupos e entre grupos analisados. Desse modo, pode-se prever respostas para a variável dependente de primeiro nível com base em somente um parâmetro de segundo nível, o termo de intercepto:

$$SWB_{ij} = \beta_{0j} + r_{ij} \quad (4)$$

Por sua vez, o intercepto  $\beta_{0j}$  representa a equação do modelo de segundo nível:

$$\beta_{0j} = \gamma_{00} + u_{0j} \quad (5)$$

Em que  $\gamma_{00}$  representa a média populacional do SWB, e  $u_{0j} \sim N(0, \tau_{00})$  é o termo de efeito aleatório associado ao país  $j$ . Agregando-se as duas equações anteriores:

$$SWB_{ij} = \gamma_{00} + u_{0j} + r_{ij} \quad (6)$$

Dessa maneira, é possível compreender a incorporação da informação dos dois níveis, em que os desvios da grande média,  $\gamma_{00}$ , são dados pelos termos de segundo nível,  $u_{0j}$ , e de primeiro nível,  $r_{ij}$ . A variância de  $SWB_{ij}$  é dada por  $\text{Var}(SWB_{ij}) = \text{Var}(u_{0j} + r_{ij}) = \tau_{00} + \sigma^2$

De posse dessa variância é possível calcular o coeficiente de correlação intraclasse (ICC), que mede a proporção da variância total resultante da variância entre unidades de nível superior:

$$\rho = \frac{\tau_{00}}{(\tau_{00} + \sigma^2)} \quad (7)$$

O ICC indica a proporção da variabilidade do SWB entre o nível de país e o total da amostra. Isto é, quanto da variação total do modelo se deve à variação do SWB entre países.

A extensão imediata ao modelo nulo consiste no modelo com regressores referentes apenas ao primeiro nível,  $X_{ij}$ , chamado de modelo não-condicional e representado pela equação:

$$SWB_{ij} = \beta_{0j} + \beta_{1j}X_{ij} + r_{ij} \quad (8)$$

Em que  $X_{ij}$  contempla apenas regressores ao nível do indivíduo. Os coeficientes de efeito aleatório,  $\beta_{0j}$  e  $\beta_{1j}$ , são também de primeiro nível, bem como o termo de erro  $r_{ij}$ . Os parâmetros são dependentes das variáveis a nível de país,  $W_j$ , dos efeitos aleatórios de segundo nível,  $u_{0j}$  e  $u_{1j}$ , e dos efeitos fixos de segundo nível,  $\gamma_{00}$  e  $\gamma_{10}$ . A variância do termo de erro de primeiro nível é constante e representada por  $\sigma^2$ .

$$\beta_{0j} = \gamma_{00} + \gamma_{01}W_j + u_{0j} \quad (9)$$

$$\beta_{1j} = \gamma_{10} + \gamma_{11}W_j + u_{1j} \quad (10)$$

Os efeitos fixos,  $\gamma_{00}$  e  $\gamma_{10}$ , correspondem, respectivamente, ao intercepto e à inclinação média nas unidades de segundo nível. Já os efeitos aleatórios,  $u_{0j}$  e  $u_{1j}$  são respectivamente os incrementos ao intercepto e inclinação associados à unidade  $j$  de segundo nível. O termo de intercepto  $\beta_{0j}$  representa o nível médio de cada grupo da variável de interesse, composto pela média da variável dependente,  $\gamma_{00}$ , o efeito da variável de segundo nível moderado pelo termo  $\gamma_{01}$ , além do termo de erro  $u_{0j}$ .

Já o coeficiente  $\beta_{1j}$  representa a inclinação do modelo, ou seja, a relação entre a variável dependente e a variável independente de primeiro nível, composto pela inclinação média dos grupos  $\gamma_{10}$ , moderado pelo efeito da variável de segundo nível através do coeficiente  $\gamma_{11}$  e do termo de erro aleatório  $u_{1j}$ .

As equações combinadas ilustram o modelo na sua forma expandida:

$$Y_{ij} = \gamma_{00} + \gamma_{10}X_{ij} + \gamma_{01}W_j + \gamma_{11}X_{ij}W_j + u_{0j} + u_{1j}X_{ij} + r_{ij} \quad (11)$$



Conforme a exposição de Hox (1995, 1998), a primeira parte da equação,  $\gamma_{00} + \gamma_{10}X_{ij} + \gamma_{01}W_j + \gamma_{11}X_{ij}W_j$  é chamada de parte fixa ou determinística do modelo. Já a segunda parte,  $u_{0j} + u_{1j}X_{ij} + r_{ij}$ , contém os termos de erro aleatórios e é chamada de aleatória ou estocástica. Ao identificar o termo de interação  $u_{1j}X_{ij}$  é fácil perceber que o valor total do erro irá depender dos diferentes valores de  $X_{ij}$ , levando a uma situação que permite a existência de heterocedasticidade no modelo. Em razão de considerar as variâncias para os estimadores de maneira distinta para cada nível de análise, a modelagem também é chamada de “componentes da variância”.

Com base na observação dos dados é realizada a estimação dos parâmetros e das variâncias pelo método de Máxima Verossimilhança, através do *software Stata 14*. Segundo Hox (1995, 1998), esse método maximiza, através de um processo iterativo, a probabilidade de encontrar a amostra que é efetivamente observada, apresentando estimadores assintoticamente consistentes e eficientes.

A escolha pela estimação multinível, portanto, contempla a estrutura de dados hierárquica, onde as informações individuais de bem-estar pertencentes a base *World Values Survey* são combinadas com informações no nível nacional, tais como variáveis culturais e econômicas, que possuem caráter agregado. Assim, leva-se em consideração a estrutura da variância dentro de cada país, permitindo uma melhor inferência dos parâmetros dos estimadores das variáveis que atuam sobre o bem-estar de cada nação.

## 5. RESULTADOS

Para facilitar a visualização dos dados de bem-estar, e proceder à análise dos efeitos das diferenças culturais sobre o bem-estar dos países, estes são agrupados sob a metodologia adotada por Welzel (2013). Trata-se de um critério onde grupos de países são aninhados em bases não somente geográficas, mas também pelas suas semelhanças de formação cultural e histórica. Essa dissertação adota exatamente os mesmos blocos culturais elaborados, e validados em análise de *cluster*, por Welzel (2013), uma vez que este trabalho também utiliza como base os dados da WVS. A adoção deste critério nesta dissertação resulta em nove grupos culturais (África Subsaariana, América Latina, Ásia Índica, Ásia Sínica, Europa Católica, Europa Protestante, Leste Ortodoxo, Novo Ocidente, Ocidente Ex-Comunista, Oriente Médio), cujas características são *a priori* homogêneas entre seus membros, e distintas o suficiente entre os grupos.

### 5.1 ANÁLISE DESCRITIVA DOS DADOS.

O nível de satisfação médio por grupo cultural é representado de maneira decrescente na Tabela 1.<sup>8</sup> É possível verificar uma convergência com os resultados apontados em pesquisas anteriores, com bases de dados distintas, conforme apresentado nas seções 3.2, 3.3, e 4.2. Os países que apresentam maiores médias de bem-estar subjetivo são aqueles com maior desenvolvimento socioeconômico, ou seja, aqueles pertencentes aos grupos culturais Europa Protestante, Europa Católica, e Novo Ocidente. Entretanto, o grupo cultural com o maior nível de satisfação médio apresentado, a América Latina, não faz parte deste conjunto de países ricos.

Na ponta inferior, os países pertencentes aos grupos culturais África Subsaariana, Leste Ortodoxo (i.e., países do extinto bloco soviético), e do Oriente Médio, apresentam as menores médias de satisfação, ao mesmo tempo em que possuem também indicadores socioeconômicos

---

<sup>8</sup> A primeira coluna (**Satisfação**) apresenta o nível médio de satisfação de cada país, e o nível médio de cada grupo cultural. A segunda coluna (**País - Grupo**) representa a diferença entre o nível de satisfação médio de cada país e o nível de satisfação de seu grupo cultural. A terceira coluna (**País - Mundo**) apresenta a diferença entre o nível de satisfação médio de cada país e a satisfação média de todos os países analisados. Por fim, a quarta coluna (**Grupo - Mundo**) apresenta as diferenças entre as médias de satisfação de cada grupo cultural e a satisfação média de todos os países.

inferiores. Já os países pertencentes ao bloco sino asiático apresentam uma satisfação média relativamente baixa, considerando seus indicadores socioeconômicos positivos.

**Tabela 1 - Satisfação com vida média por país e grupo cultural.**

(continua)

<b>Grupo Cultural/País</b>	<b>Satisfação</b>	<b>(P - Gr)</b>	<b>(P - Mu)</b>	<b>(Gr - Mu)</b>
<b>América Latina</b>	7,74	-	-	0,82
México	8,51	0,78	1,60	
Colômbia	8,39	0,65	1,47	
Equador	7,92	0,18	1,00	
Brasil	7,85	0,12	0,94	
Uruguai	7,60	-0,13	0,69	
Argentina	7,48	-0,26	0,56	
Trindade e Tobago	7,47	-0,27	0,55	
Chile	7,27	-0,47	0,35	
Peru	7,13	-0,60	0,22	
<b>Europa Protestante</b>	7,72	-	-	0,81
Noruega	7,96	0,23	1,04	
Suíça	7,91	0,18	0,99	
Finlândia	7,84	0,12	0,92	
Suécia	7,62	-0,10	0,71	
Alemanha Ocidental	7,53	-0,20	0,61	
Holanda	7,49	-0,23	0,58	
<b>Novo Ocidente</b>	7,55	-	-	0,64
Canadá	7,75	0,19	0,83	
Nova Zelândia	7,65	0,10	0,73	
Reino Unido	7,54	-0,01	0,63	
Estados Unidos	7,44	-0,11	0,53	
Austrália	7,38	-0,17	0,47	
<b>Europa Católica</b>	6,94	-	-	0,03
Andorra	7,14	0,19	0,22	
Chipre	7,00	0,06	0,09	
França	6,86	-0,08	-0,05	
Espanha	6,77	-0,17	-0,14	
<b>Ásia Índica</b>	6,91	-	-	0,00
Tailândia	7,57	0,65	0,65	
Paquistão	7,48	0,56	0,56	
Filipinas	7,34	0,42	0,42	
Malásia	7,13	0,22	0,22	
Cingapura	6,97	0,06	0,06	
Indonésia	6,91	-0,01	-0,01	
Índia	5,01	-1,91	-1,91	
<b>Ásia Sínica</b>	6,87	-	-	-0,05
Vietnã	7,09	0,23	0,18	
Japão	6,91	0,04	0,00	
Taiwan	6,89	0,02	-0,03	
China	6,86	-0,01	-0,06	
Hong Kong	6,85	-0,02	-0,07	
Coréia do Sul	6,61	-0,26	-0,30	
<b>Ocidente Ex-Comunista</b>	6,75	-	-	-0,16
Eslovênia	7,35	0,60	0,44	
Alemanha Oriental	7,25	0,50	0,34	
Polônia	7,06	0,31	0,15	
Estônia	6,20	-0,55	-0,71	
Hungria	5,89	-0,86	-1,02	
<b>Oriente Médio</b>	6,40	-	-	-0,51
Catar	8,01	1,61	1,10	
Turquia	7,27	0,87	0,36	
Líbia	7,26	0,86	0,35	
Kuwait	7,21	0,81	0,29	

(continuação)

<b>Grupo Cultural/País</b>	<b>Satisfação</b>	<b>(P - Gr)</b>	<b>(P - Mu)</b>	<b>(Gr - Mu)</b>
Bahrein	6,79	0,39	-0,12	
Jordânia	6,61	0,21	-0,30	
Líbano	6,50	0,10	-0,41	
Irã	6,43	0,03	-0,49	
Argélia	6,30	-0,10	-0,61	
Mali	6,07	-0,33	-0,84	
Marrocos	5,94	-0,46	-0,97	
Iraque	5,91	-0,49	-1,00	
Iêmen	5,89	-0,51	-1,03	
Palestina	5,62	-0,78	-1,29	
Tunísia	5,58	-0,82	-1,33	
Egito	5,01	-1,39	-1,90	
<b>Leste Ortodoxo</b>	<b>6,21</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-0,71</b>
Uzbequistão	7,89	1,68	0,97	
Cazaquistão	7,25	1,05	0,34	
Quirguistão	6,96	0,76	0,05	
Azerbaijão	6,74	0,54	-0,17	
Romênia	6,64	0,44	-0,27	
Rússia	6,13	-0,08	-0,79	
Sérvia e Montenegro	6,01	-0,20	-0,91	
Ucrânia	5,90	-0,31	-1,02	
Bielorrússia	5,80	-0,41	-1,11	
Moldávia	5,45	-0,75	-1,46	
Geórgia	5,45	-0,76	-1,47	
Armênia	5,23	-0,98	-1,69	
Bulgária	5,22	-0,98	-1,69	
<b>África Subsaariana</b>	<b>6,05</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-0,86</b>
África do Sul	6,67	0,62	-0,24	
Ruanda	6,47	0,41	-0,45	
Gana	6,42	0,37	-0,49	
Nigéria	6,26	0,21	-0,65	
Zâmbia	6,06	0,01	-0,85	
Zimbábue	6,04	-0,01	-0,87	
Burkina Faso	5,56	-0,50	-1,36	
Etiópia	4,94	-1,11	-1,97	
<b>Média satisfação mundo</b>	<b>6,91</b>			

Fonte: Elaboração do autor, com base nos dados da *World Values Survey*.

A observação inicial dos dados, parte da hipótese de que o bem-estar subjetivo (representado pelo nível de satisfação) é determinado tanto por fatores estáveis quanto por fatores circunstanciais<sup>9</sup>. Dentre os fatores circunstanciais a hipótese é que o contexto socioeconômico é um determinante importante do bem-estar, o que está alinhado aos dados médios de satisfação observados para a maior parte dos grupos culturais expostos na Tabela 1. Os casos em que essa hipótese aparentemente não se confirma são a América Latina, o primeiro

<sup>9</sup> Conforme exposto nas seções 2.2 e 2.3.

grupo de melhor nível de satisfação média (7,74 na escala de 1 a 10), e da Ásia Sínica, apenas o sexto grupo nesta escala (6,87 na escala de 1 a 10).

A outra hipótese, apresentada na seção 3.1, é a presença de fatores estáveis contextuais na determinação do SWB. A elevada média dos países latino-americanos frente aos outros blocos culturais, bem como a modesta média dos países sino asiáticos, sugeriria a existência de um componente cultural explicando parte da diferença de SWB entre os países.

Os resultados do índice de individualismo por grupo cultural, calculado através do método de ACM apresentado na sessão 4.3, são apresentados na Tabela 2. Trata-se de um índice posicional, ou seja, um ranking normalizado entre 0 e 100, onde 0 é menor valor de individualismo e 100 o maior valor de individualismo. Por esse motivo, o índice apresentado nas linhas em cinza dos grupos culturais é a mediana dos valores dos respectivos países listados posteriormente. Por exemplo, no caso do Oriente Médio, 60,7 é mediana dos índices de individualismo de cada país deste grupo, apresentados na primeira coluna. Já a segunda coluna representa a diferença entre o índice do país e seu respectivo grupo cultural.

**Tabela 2 - Individualismo por país e grupo cultural.**

(continua)					
<b>Grupo Cultural/País</b>	<b>Indiv.</b>	<b>(P - G)</b>	<b>Grupo Cultural/País</b>	<b>Indiv.</b>	<b>(P - G)</b>
<b>Oriente Médio</b>	60,7	-	<b>Leste Ortodoxo</b>	32,8	-
Catar	100,0	39	Uzbequistão	59,2	26
Mali	85,0	24	Geórgia	57,1	24
Jordânia	81,9	21	Romênia	48,2	15
Tunísia	80,8	20	Quirguistão	45,0	12
Líbia	79,2	19	Azerbaijão	42,1	9
Argélia	76,8	16	Armênia	40,5	8
Kuwait	73,8	13	Moldávia	32,8	0
Iraque	63,0	2	Bulgária	29,2	-4
Líbano	58,4	-2	Rússia	26,4	-6
Iêmen	57,3	-3	Bielorrússia	25,4	-7
Irã	52,5	-8	Cazaquistão	25,3	-7
Turquia	50,3	-10	Ucrânia	24,1	-9
Bahrein	48,1	-13	Sérvia e Montenegro	22,2	-11
Egito	47,9	-13	<b>Ocidente Ex-Comunista</b>	31,7	-
Palestina	46,0	-15	Hungria	39,8	8
Marrocos	44,7	-16	Eslovênia	38,5	7
<b>África Subsaariana</b>	59,9	-	Polônia	31,7	0
Gana	76,2	16	Alemanha Oriental	24,9	-7
Nigéria	72,8	13	Estônia	17,5	-14
Zimbábue	63,7	4	<b>Novo Ocidente</b>	23,4	-
Burkina Faso	63,2	3	Canadá	37,0	14
Zâmbia	56,5	-3	Reino Unido	32,4	9
África do Sul	45,7	-14	Austrália	23,4	0
Etiópia	36,8	-23	Nova Zelândia	20,0	-3
Ruanda	34,2	-26	Estados Unidos	18,7	-5
<b>América Latina</b>	49,4	-	<b>Europa Protestante</b>	23,3	-
Colômbia	72,8	23	Suíça	27,6	4
México	62,1	13	Suécia	27,6	4
Equador	59,7	10	Alemanha Ocidental	24,8	1
Trindade e Tobago	56,4	7	Finlândia	21,8	-1
Chile	49,4	0	Noruega	18,3	-5

(continuação)

<b>Grupo Cultural/País</b>	<b>Indiv.</b>	<b>(P - G)</b>	<b>Grupo Cultural/País</b>	<b>Indiv.</b>	<b>(P - G)</b>
Uruguai	47,5	-2	Holanda	6,4	-17
Brasil	46,4	-3	<b>Ásia Sínica</b>	21,8	-
Peru	40,3	-9	Vietnã	36,5	15
Argentina	29,6	-20	Coréia do Sul	24,7	3
<b>Ásia Índica</b>	44,0	-	Hong Kong	22,2	0
Paquistão	58,1	14	Taiwan	21,4	0
Filipinas	55,8	12	China	18,2	-4
Índia	48,4	4	Japão	0,0	-22
Malásia	44,0	0			
Indonésia	43,8	0			
Tailândia	35,1	-9			
Cingapura	23,4	-21			
<b>Europa Católica</b>	36,9	-			
Chipre	63,6	27			
França	39,0	2			
Andorra	34,7	-2			
Espanha	28,1	-9			

Fonte: Elaboração do autor, com base nos dados da *World Values Survey*.

Através do método escolhido e dos dados da WVS, os países que apresentam maior nível de Individualismo estão nos grupos culturais do Oriente Médio e África Subsaariana, enquanto os países com menor grau de Individualismo estão nos grupos Novo Ocidente, Europa Protestante e Ásia Sínica. Esse resultado chama a atenção, pois como apresentado nas seções 3.3 e 3.4, os países do ocidente europeu ou algumas colônias como Estados Unidos, Canadá e Austrália, são usualmente apresentados como paradigma de comportamento individualista. Contudo, na amostra da WVS, seu comportamento se apresenta muito mais próximo de países da península sino asiática como Japão, China ou Coréia do Sul, tidos como parâmetro de um comportamento coletivista, ou seja, na ponta oposta da dimensão. Neste caso, o grupo cultural Ásia Sínica ocupa realmente o posto esperado, com o menor nível de individualismo entre os países da amostra.

Na ponta de oposta, observa-se na Tabela 2 que os maiores índices de individualismo foram verificados nos grupos Oriente Médio, África Subsaariana, seguidos por alguma distância do grupo América Latina. Trata-se de outro resultado não totalmente aderente às justificativas apresentadas nas seções 3.3 e 3.4, uma vez que os indivíduos de países do Oriente Médio são tidos como voltados ao grupo, às tradições e ao comportamento de conformidade com o próximo, ou seja, mais próximo da visão de mundo coletivista. Entretanto 75% dos países desse grupo apresentaram índice de individualismo acima de 50 na escala de 0 a 100, indicando uma consistência intragrupo desta dimensão comportamental.

## 5.2 RESULTADOS DAS ESTIMAÇÕES HIERÁRQUICAS.

Essa seção apresenta os resultados das estimações dos modelos econométricos, com base nos modelos descritos na seção 4.5. Na Tabela 3 são organizados os estimadores de máxima verossimilhança para modelos hierárquicos. Os modelos estão numerados em 6 colunas, contendo diferentes versões do modelo hierárquico teórico. O conjunto I de estimadores representa o modelo nulo, o conjunto II o modelo não condicional, com as variáveis sociodemográficas, os conjuntos III e IV de estimadores incluem as variáveis de contexto em segundo nível (PIB per capita, e índice de Gini), e o índice de individualismo no nível individual.

Por fim, os conjuntos V e VI incluem *dummys* de cada grupo cultural, representando em cada grupo respectivo os efeitos em nível, e de interação com o índice de individualismo, sobre a variável dependente. É importante ressaltar que nestes grupos de estimadores da Tabela 3, o índice de individualismo é tratado como variável de 1º nível, ou seja, são os pontos originais das coordenadas da equação (1), e não os valores normalizados para cada país, calculados na equação (2), apresentados na seção 4.3. Esses valores médios por cada país, ou seja, em 2º nível, serão explorados no grupo de estimadores da Tabela 4.

Como boa parte das variáveis utilizadas na análise são categóricas, a interpretação de seus efeitos deve ser realizada tendo como base a categoria de referência omitida, destacada na Tabela 3. No caso das *dummys* regionais, no grupo de *dummys* de nível, a categoria omitida foi a África Subsaariana, por ser o grupo com o menor nível de satisfação médio, conforme Tabela 1. Já no caso das *dummys* regionais de interação com o índice de individualismo, o grupo cultural omitido foi o Leste Ortodoxo, escolhido pois representa a mediana dos valores de individualismo apresentados na Tabela 2.

Tabela 3 – Estimação de parâmetros via modelos hierárquicos (Índice de Individualismo em 1º nível)

	(continua)					
Modelos	I	II	III	IV	V	VI
constante	6,782***	4,705***	4,689***	0,495	1,943***	0,517
Feminino		0,166***	0,168***	0,159***	0,159***	0,157***
Idade		-0,0389***	-0,0384***	-0,0392***	-0,0393***	-0,0391***
Idade^2		0,000452***	0,000446***	0,000454***	0,000454***	0,000453***
<b>Estado Civil</b>						
<i>solteiro (categoria omitida)</i>						
casado		0,249***	0,253***	0,258***	0,258***	0,258***
coabitando		0,112***	0,118***	0,116***	0,114***	0,116***
divorciado		-0,246***	-0,245***	-0,251***	-0,252***	-0,252***
viúvo		-0,147***	-0,145***	-0,135***	-0,135***	-0,136***
<b>Saúde</b>						
<i>ruim (categoria omitida)</i>						
regular		1,011***	1,016***	1,031***	1,032***	1,032***
bom		1,655***	1,659***	1,686***	1,687***	1,688***
muito bom		2,241***	2,223***	2,253***	2,254***	2,256***
<b>Ocupação</b>						
empregado		0,263***	0,263***	0,264***	0,263***	0,265***
aposentado		0,317***	0,312***	0,315***	0,314***	0,314***
estudante		0,424***	0,420***	0,427***	0,427***	0,428***
<i>desempregado (categoria omitida)</i>						
<b>Renda</b>						
<i>Categoria 1 (categoria omitida)</i>						
Categoria 2		0,0210	0,0356	0,0473	0,0474	0,0485
Categoria 3		0,218***	0,235***	0,241***	0,241***	0,241***
Categoria 4		0,498***	0,516***	0,532***	0,532***	0,532***
Categoria 5		0,761***	0,778***	0,791***	0,791***	0,789***
Categoria 6		0,982***	1,003***	1,018***	1,017***	1,015***
Categoria 7		1,182***	1,202***	1,216***	1,216***	1,213***
Categoria 8		1,430***	1,446***	1,474***	1,474***	1,471***
Categoria 9		1,464***	1,479***	1,522***	1,523***	1,524***
Categoria 10		1,570***	1,574***	1,568***	1,569***	1,570***
<b>Educação</b>						
<i>Sem instrução/primário incompleto (categoria omitida)</i>						
Primário completo/secundário incompleto		-0,0388	-0,0430	-0,0268	-0,0264	-0,0251
Secundário completo/superior incompleto		-0,0362	-0,0405	-0,0206	-0,0202	-0,0165
Superior completo		0,0376	0,0326	0,0560	0,0563	0,0608*
<b>Frequência Religiosa</b>						
<i>Menos que uma vez ao ano/ nunca ou praticamente nunca (omitida)</i>						
Uma vez por ano ou menos		-0,0332	-0,0343	-0,0292	-0,0314	-0,0292
Dias sagrados		0,0359*	0,0349	0,0395*	0,0378*	0,0392*
Uma vez por mês		0,0771***	0,0775***	0,0792***	0,0764***	0,0769***
Uma ou mais vezes por semana		0,0933***	0,0876***	0,108***	0,107***	0,106***
Número de filhos		0,0273***	0,0263***	0,0251***	0,0254***	0,0252***
<b>Individualismo</b>						
log (pib per capita)			0,0998***	0,101***	0,101***	0,125***
índice de Gini				0,361***	0,105	0,361***
				0,0256***	0,0243**	0,0250***
<b>Dummy região</b>						
<i>África Subsaariana (região omitida)</i>						
Europa protestante					1,589***	
Novo ocidente					1,245***	
Europa católica					0,996**	
Ocidente comunista					1,413***	
Leste ortodoxo					0,770***	
Ásia Índica					0,896***	



Modelos	(continuação)					
	I	II	III	IV	V	VI
Leste islâmico					0,278	
Ásia Sínica					1,099***	
América latina					1,607***	
<b>Dummy interação</b>						
<b>(região*individualismo)</b>						
<i>Leste ortodoxo (região omitida)</i>						
Europa protestante						-0,00264
Novo ocidente						0,0549
Europa católica						0,0676
Ocidente comunista						0,0204
Ásia Índica						-0,0941***
Leste islâmico						-0,0548**
Ásia Sínica						0,0347
América latina						0,0445
África subsaariana						-0,0796***
ICC	0,136	0,132	0,136	0,897	0,052	0,088
n	109.804	89.559	89.162	85.665	85.665	85,665
N	78	73	73	70	70	70
Fonte: Elaboração do autor, com base nos dados da <i>World Values Survey</i> e <i>World Bank Database</i>						
(P-valores: *** p<0.01, ** p<0.05, * p<0.1).						

É possível observar na Tabela 3 uma consistência do grupo de estimadores na categoria sociodemográfica, alinhado aos resultados apresentados pela literatura na seção 2.3. De maneira geral, pertencer ao grupo do gênero feminino possui efeito positivo sobre o SWB, ao passo que o efeito da idade é negativo e decrescente ao longo do tempo, conforme explícito no coeficiente positivo, ainda que pequeno, de sua forma quadrática.

Com relação aos efeitos do estado marital, pode-se observar que pertencer ao grupo de casados ou coabitantes com seus cônjuges apresentam efeito positivo no SWB em relação aos indivíduos solteiros, ao passo que pessoas divorciadas e viúvas apresentam o efeito negativo, diametralmente oposto aos casados e coabitantes, em relação ao grupo de comparação de solteiros. Já na categoria saúde, uma variável de bem-estar com caráter mais objetivo, observa-se um efeito positivo crescente e ordenado em relação a categoria base, a categoria dos indivíduos que consideram possuir um estado ruim de saúde.

Com relação aos efeitos da ocupação de trabalho, percebe-se os efeitos positivos sobre o SWB em estar empregado ou aposentado, em comparação à categoria base desempregado. O maior efeito sobre o SWB nesta categoria, em relação a categoria omitida, foi pertencer à categoria estudante. No caso das categorias de intervalo de renda, utilizando a primeira e mais baixa categoria de renda como base, com exceção da segunda categoria de renda todas as outras apresentaram efeitos significantes. Os efeitos sobre o SWB se apresentaram crescentes, ou seja, aumentos de renda com efeitos positivos sobre o bem-estar, e rendimentos marginais

decrecentes a partir da oitava categoria de renda. Estes resultados estão alinhados à literatura sobre renda e bem-estar subjetivo, indicando um certo esgotamento do efeito a partir de um determinado nível de rendimento.

A categoria seguinte na Tabela 3 diz respeito aos retornos sobre o SWB dos níveis educacionais, e pode-se visualizar que nenhum estimador se mostrou significativo, com exceção do modelo número V, onde encontra-se efeito baixo e positivo, significativo a 10%, do ensino superior, relativo à categoria dos indivíduos com nenhuma instrução, ou com ensino primário incompleto. Com respeito a frequência aos cultos religiosos, pode-se verificar um efeito positivo e significativo sobre o SWB em relação aos que nunca ou quase nunca participam dessas celebrações religiosas, especialmente das categorias com frequência mensal, semanal ou superior. Por fim, na última categoria sociodemográfica individual utilizada na análise, verifica-se um efeito positivo, ainda que pequeno, sobre o número de filhos sobre o SWB.

Para variáveis de segundo nível nos modelos multinível das estimações IV a VI, foram escolhidos apenas dois controles, a forma logarítmica do PIB per capita, e o índice de Gini de cada país, ambos correspondentes aos anos de cada entrevista realizada na WVS. O critério pela utilização apenas dessas duas variáveis de contexto foi manter o modelo o mais enxuto possível, mantendo o foco na análise do índice de individualismo e no aspecto cultural. Além disso, ao não adotar outros índices socioeconômicos exógenos à WVS, evita-se potencial perda de observações com países que não pertençam a outras bases de dados. Na Tabela 3, verifica-se o efeito positivo do PIB per capita sobre o SWB nos modelos IV e VI, modelos que não incluem o efeito em nível das *dummies* regionais. No modelo V onde essas *dummies* são incluídas, o efeito do PIB per capita perde a significância. Por fim, a variável representando o índice de Gini, apresentou estimadores baixos, porém significativos e positivos em todos os modelos, sobre o nível de SWB. Trata-se de um resultado que indica, na média desta amostra, um maior grau de desigualdade estaria alinhado a maiores níveis de SWB.

Finalmente, procede-se a análise do efeito do índice de individualismo sobre o nível de SWB. Como ressaltado anteriormente, o estimador calculado na Tabela 3 leva em conta o índice de individualismo em 1º nível, ou seja, não considera as estruturas de variâncias distintas entre os diferentes países de um modelo multinível. Feita essa ressalva, verifica-se um efeito geral positivo e significativo do índice de individualismo sobre o nível de bem-estar subjetivo. Ou seja, sem considerar diferenças nas zonas culturais, quanto maior o nível de individualismo, maior o SWB em média, em linha com as observações da seção 3.4.

Na Tabela 1 foram apresentados os diferentes níveis médios de SWB por cada grupo cultural, contudo a análise dos estimadores V e VI permitem verificar o efeito regional sobre os níveis de satisfação. Como ressaltado anteriormente, as comparações são realizadas tendo como base a região África Subsaariana, e todos as *dummies* apresentaram efeito significativo e positivo sobre o SWB, com exceção do grupo cultural Leste Islâmico. Os maiores efeitos, em relação ao grupo omitido, foram encontrados nos estimadores dos grupos culturais: América Latina, Europa Protestante, Ocidente Ex-Comunista e Novo Ocidente; nesta ordem de magnitude.

O último grupo de estimadores apresentados na Tabela 3 estão alinhados exclusivamente na coluna VI. São as variáveis de interação, explorando os grupos culturais e o índice de individualismo em conjunto. A interpretação destas *dummies* representa a hipótese tratada neste trabalho, ou seja, valores culturais como mediadores sobre o SWB. Como já exposto no início desta seção, o grupo de referência escolhido como omitido foi o Leste Ortodoxo, por ser a mediana dos grupos culturais com relação aos valores de individualismo. Apenas três grupos culturais apresentaram significância em seus estimadores, todos apresentando efeitos negativos em relação ao grupo de referência: Ásia Índica, Leste Islâmico, e África Subsaariana. Utilizando como exemplo o estimador referente ao grupo Ásia Índica, a interpretação que se desprende é que o efeito sobre o SWB do índice de individualismo é negativo neste grupo, com relação ao grupo Leste Ortodoxo. Outro modo de interpretar esse resultado é que o comportamento individualista trás retornos negativos ao bem-estar subjetivo nestes grupos culturais, com relação ao grupo de controle.

Na Tabela 4 são apresentados os grupos de estimadores I a IV. Eles apresentam a mesma forma funcional dos estimadores da Tabela 3, com exceção da variável representando o nível de individualismo. Neste caso, a variável foi utilizada em sua forma de índice nacional, como na equação (2), ou seja, como uma variável de 2º nível do modelo hierárquico. Em comparação, na Tabela 4 não são apresentados os estimadores do modelo nulo e das variáveis de primeiro nível apenas, pois estes já foram apresentados na Tabela 3.

**Tabela 4 – Estimação de parâmetros via modelos hierárquicos (Índice de Individualismo em 2º nível)**  
(continua)

	I	II	III	IV
constante	5.095***	0.568	1.364*	1.776**
Feminino	0.166***	0.158***	0.158***	0.158***
Idade	-0.0389***	-0.0398***	-0.0398***	-0.0398***
Idade^2	0.000452***	0.000461***	0.000461***	0.000461***
<b>Estado Civil</b>				
<i>solteiro (categoria omitida)</i>				
casado	0.248***	0.253***	0.253***	0.253***
coabitando	0.111***	0.110***	0.109***	0.109***
divorciado	-0.246***	-0.252***	-0.252***	-0.252***
viúvo	-0.148***	-0.137***	-0.137***	-0.137***
<b>Saúde</b>				
<i>ruim (categoria omitida)</i>				
regular	1.011***	1.026***	1.027***	1.027***
bom	1.655***	1.682***	1.683***	1.684***
muito bom	2.241***	2.271***	2.272***	2.272***
<b>Ocupação</b>				
empregado	0.263***	0.265***	0.264***	0.264***
aposentado	0.317***	0.320***	0.319***	0.319***
estudante	0.424***	0.434***	0.433***	0.433***
<i>desempregado (categoria omitida)</i>				
<b>Renda</b>				
<i>Categoria 1 (categoria omitida)</i>				
Categoria 2	0.0210	0.0316	0.0316	0.0318
Categoria 3	0.218***	0.224***	0.224***	0.224***
Categoria 4	0.498***	0.513***	0.513***	0.513***
Categoria 5	0.761***	0.772***	0.771***	0.771***
Categoria 6	0.982***	0.997***	0.996***	0.996***
Categoria 7	1.182***	1.195***	1.195***	1.194***
Categoria 8	1.431***	1.458***	1.458***	1.457***
Categoria 9	1.464***	1.506***	1.506***	1.506***
Categoria 10	1.570***	1.568***	1.568***	1.569***
<b>Educação</b>				
<i>Sem instrução/primário incompleto (categoria omitida)</i>				
Primário completo/secundário incompleto	-0.0394	-0.0198	-0.0191	-0.0194
Secundário completo/superior incompleto	-0.0372	-0.0133	-0.0125	-0.0129
Superior completo	0.0364	0.0639*	0.0646*	0.0641*
<b>Frequência Religiosa</b>				
<i>Menos que uma vez ao ano/ nunca ou praticamente nunca (omitida)</i>				
Uma vez por ano ou menos	-0.0331	-0.0268	-0.0291	-0.0291
Dias sagrados	0.0361*	0.0405*	0.0387*	0.0383*
Uma vez por mês	0.0776***	0.0802***	0.0773***	0.0769***
Uma ou mais de uma vez por semana	0.0943***	0.115***	0.114***	0.113***
Número de filhos	0.0275***	0.0262***	0.0264***	0.0263***
<b>Individualismo</b>	-0.00900**	0.000348	0.00811*	0.00731
log (pib per capita)		0.349***	0.133*	0.228***
índice de Gini		0.0265***	0.0234**	0.0142
<b>Dummy região</b>				
<i>África Subsaariana (região omitida)</i>				
Europa protestante			1.669***	
Novo ocidente			1.311***	
Europa católica			0.971**	
Ocidente comunista			1.489***	
Leste ortodoxo			0.846***	
Ásia Índica			0.931***	
Leste islâmico			0.202	
Ásia Sínica			1.244***	

	(continuação)			
	I	II	III	IV
América latina			1.571***	
<b>Dummy interação</b> <b>(região*individualismo)</b>				
<i>Leste ortodoxo (região omitida)</i>				
Europa protestante				0.0186**
Novo ocidente				0.00849
Europa católica				-0.00298
Ocidente comunista				0.0115
Ásia Índica				0.00392
Leste islâmico				-0.00932**
Ásia Sínica				0.0122
América latina				0.0142**
África subsaariana				-0.0110**
ICC	0,126	0,089	0,050	0,539
n	89,559	86,049	86,049	86,049
N	73	70	70	70

Fonte: Elaboração do autor, com base nos dados da *World Values Survey* e *World Bank Database*  
(P-valores: \*\*\* p<0.01, \*\* p<0.05, \* p<0.1).

Ao observar os resultados dos estimadores para estes novos modelos, verifica-se que as variáveis sociodemográficas de controle em 1º nível possuem efeitos praticamente idênticos ao da Tabela 3, logo todas as interpretações já apresentadas continuam válidas, e não serão exploradas adicionalmente. As *dummies* regionais de nível também apresentam estimadores muito similares, bem como das variáveis representando o PIB per capita e o índice de Gini. Com relação ao índice de individualismo em segundo nível, observa-se uma perda de significância em dois dos quatro modelos estimados. No modelo I, onde apresentou 95% de significância, seu efeito sobre o SWB foi negativo, em oposição ao resultado da Tabela 3, contudo o efeito apresentou magnitude bem inferior.

Ao avaliar os estimadores do grupo de *dummies* regionais de interação com índice de individualismo em 2º nível, observa-se assim como nas estimações da Tabela 3, efeitos significativos e negativos dos grupos Leste Islâmico e África Subsaariana em relação ao grupo de referência mediano Leste Ortodoxo. Diferentemente dos coeficientes da Tabela 3, verifica-se agora uma significância positiva dos estimadores dos grupos culturais Europa Protestante e América Latina. Ou seja, em relação ao grupo de referência omitido, ao pertencer a estes grupos, o índice de individualismo possui um impacto relativo positivo sobre o nível de satisfação, ainda que as magnitudes sejam inferiores às apresentadas nos grupos de estimação da Tabela 3.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desta dissertação foi compreender se as diferenças dos níveis declarados de satisfação com a vida, uma das medidas de bem-estar subjetivo discutidas na literatura da chamada economia da felicidade, possuiria algum caráter cultural. Esse aspecto cultural foi representado pela chamada dimensão do individualismo-coletivismo. A utilização de dimensões culturais é um artifício analítico cujo objetivo é a redução de uma série de visões de mundo dos indivíduos de um grupo, em uma única variável quantitativa. No caso desta dissertação, essa variável representando a predominância de comportamentos individualistas, foi incluída em um modelo com uma série de variáveis sociodemográficas tradicionais em estudos de bem-estar subjetivo. A distinção foi a adoção desse índice em conjunto com *dummies* regionais representativas de grupos culturais distintos, e avaliar se esses efeitos estimados possuíam algum grau de significância sobre o nível de satisfação dos indivíduos.

A hipótese é que as características culturais, representadas pela dimensão individualismo/coletivismo, poderiam explicar parte das diferenças nos níveis de satisfação observados em distintos países. Ao observar os estimadores do efeito geral do individualismo cultural sobre o nível de satisfação, ou seja, sem considerar a distinção entre os grupos culturais, o efeito do nível de individualismo é positivo sobre o nível geral de SWB, resultado compatível com observações da literatura. Quando se observa os estimadores da interação da variável de individualismo com as *dummies* regionais, ou seja, os efeitos dessa variável sobre o SWB em cada grupo cultural, foram encontrados efeitos tímidos, e limitados a alguns grupos. Observou-se efeito negativo sobre o bem-estar de visões de mundo individualistas nos grupos Ásia Índica, Leste Islâmico, África Subsaariana, e efeito levemente positivo sobre o bem-estar de visões de mundo individualistas nos grupos Europa Protestante e América Latina. O conjunto desses resultados indica que há efeito cultural sobre o SWB, ainda que não se estenda a todos os grupos culturais observados na WVS.

Do ponto de vista da tradição da literatura, pode-se observar aderência de efeitos esperados em todos os grupos das variáveis sociodemográficas, com exceção dos efeitos educacionais que podem estar sendo capturados pelos estimadores do grupo de variáveis de renda. Entre as variáveis socioeconômicas de segundo nível, renda per capita apresentou efeito positivo esperado sobre o nível de satisfação médio e enquanto o efeito da desigualdade se mostrou positivo sobre o bem-estar, contraintuitivo ao primeiro olhar, mas cuja literatura ainda mostra resultados ambíguos.

É necessário observar esses resultados à luz das limitações do método de análise escolhido. A própria construção do índice de individualismo contém um razoável grau de prerrogativa do pesquisador, seja na escolha do método de redução de dados, quanto na própria seleção de perguntas constituintes dessa dimensão de valores. Essa escolha é limitada às características da base de dados, que neste caso envolve dois problemas principais. O primeiro problema trata-se da ausência de alguns países europeus da base, que passaram a ser pesquisados apenas na base de dados *European Values Survey*. Ainda que os dados da WVS e da EVS sejam compatibilizados pelas próprias entidades responsáveis pela sua publicação, algumas perguntas não são realizadas nas duas pesquisas, ou são feitas de maneira distinta o suficiente para considerá-las intercambiáveis.

O segundo problema central envolve encontrar na base de dados WVS um conjunto de perguntas de valores que são aplicados na maioria dos países constituintes da base. Essa limitação, perguntas aplicadas em alguns países e não em outros, coloca o pesquisador sob uma escolha: trabalhar muito tempo para selecionar as perguntas mais aplicadas na base de dados, de preferência com uma equipe, dada a grande quantidade de perguntas aplicadas; ou simplesmente reduzir o escopo da pesquisa, trabalhando com grupos menores de países, ou limitando os grupos culturais explorados. No caso da hipótese dessa dissertação, pode ser que algum outro componente cultural esteja envolvido na determinação do nível de satisfação, contudo estaria representado em variáveis não escolhidas nos modelos aqui explorados, em função destas limitações de análise destacadas.

A escolha de uma variável numérica limitada, isto é, uma escala de 1 a 10 de satisfação com a vida também representa um desafio à análise, uma vez que qualquer efeito das variáveis independentes só faz sentido estando circunscrita a estes limites superiores e inferiores. Para variações marginais esses efeitos podem ser representativos, mas para grandes mudanças nas variáveis de contexto, é de se questionar se esses efeitos acarretariam grandes variações nos índices gerais de bem-estar subjetivo.

A literatura do SWB aborda os efeitos de curto e longo prazo de variações de contexto socioeconômico sobre os níveis de satisfação, com razoável grau de convergência. Do ponto de vista de perspectivas futuras de pesquisa, seria interessante observar esse mesmo efeito diante do choque da COVID-19, cujos efeitos econômicos e sobre saúde mental tem considerável potencial para grandes variações nos índices de bem-estar subjetivo, uma vez que praticamente todos os países adotaram algum tipo de medida de distanciamento social. Seria possível

identificar efeitos de comportamentos culturais sobre o bem-estar nesse tipo de contexto de retração econômica, incerteza, luto e isolamento? A magnitude do choque objetivo sobre o bem-estar dos indivíduos será bem representada pelas medidas de bem-estar subjetivo? Trata-se de um desafio interessante, condicionado à forma como os futuros *surveys* incorporarão essas questões nas suas bases de dados, de modo a abastecer análises para os formuladores de políticas públicas no caso de novos episódios pandêmicos.



## BIBLIOGRAFIA

- ALESINA, A.; DI TELLA, R.; MACCULLOCH, R. Inequality and happiness: are Europeans and Americans different? **Journal of Public Economics**, v. 88, n. 9, p. 2009–2042, 2004. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0047272703000756>. Acesso em: 15 Maio 2022.
- ALESINA, A.; FUCHS-SCHÜNDELN, N. Good-Bye Lenin (or Not?): The Effect of Communism on People’s Preferences. **American Economic Review**, v. 97, n. 4, p. 1507–1528, 2007. Disponível em: <https://www.aeaweb.org/articles?id=10.1257/aer.97.4.1507>. Acesso em: 15 Maio 2022
- ANGNER, E. The evolution of eupathics: The historical roots of subjective measures of well-being. **International Journal of Wellbeing**, v. 1, n. 1, p. 4–41, 2011. Disponível em: [https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=799166](https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=799166). Acesso em: 15 Maio 2022.
- BARRETT, L. F. **How Emotions Are Made: The Secret Life of the Brain**. Pan Macmillan, 2017. *E-book*. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=vjIvDQAAQBAJ>.
- BAUMEISTER, R. F.; LEARY, M. R. The need to belong: Desire for interpersonal attachments as a fundamental human motivation. **Psychological Bulletin**, v. 117, n. 3, p. 497–529, 1995. Disponível em: 10.1037/0033-2909.117.3.497. Acesso em: 16 Maio 2022.
- BENJAMIN, D. J. *et al.* What Do You Think Would Make You Happier? What Do You Think You Would Choose? **The American economic review**, v. 102, n. 5, p. 2083–2110, 2012. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/23275649>. Acesso em: 16 Maio 2022.
- BERTRAND, M.; MULLAINATHAN, S. Do People Mean What They Say? Implications for Subjective Survey Data. **American Economic Review**, v. 91, n. 2, p. 67–72, 2001. Disponível em: DOI: 10.1257/aer.91.2.67. Acesso em: 16 Maio 2022.
- BIANCOTTI, C.; D’ALESSIO, G. **Values, inequality and happiness**. Banca d’Italia, 2008. Disponível em: [https://www.bancaditalia.it/pubblicazioni/temi-discussione/2008/2008-0669/en\\_tema\\_669.pdf](https://www.bancaditalia.it/pubblicazioni/temi-discussione/2008/2008-0669/en_tema_669.pdf). Acesso em: 10 Maio 2022.
- BJØRNSKOV, C. The Happy Few: Cross–Country Evidence on Social Capital and Life Satisfaction. **Kyklos**, v. 56, n. 1, p. 3–16, 2003. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1467-6435.00207>. Acesso em: 10 Maio 2022.
- BLANCHFLOWER, D. G.; OSWALD, A. J. Is well-being U-shaped over the life cycle? **Social Science & Medicine**, v. 66, n. 8, p. 1733–1749, 2008. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0277953608000245>. Acesso em: 10 Maio 2022.
- BRICKMAN, P.; COATES, D.; JANOFF-BULMAN, R. Lottery winners and accident victims: Is happiness relative? **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 36, n. 8, p. 917–927, 1978. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1980-01001-001>. Acesso em: 10 Maio 2022.
- CAMPOS, J. J.; CAMPOS, R. G.; BARRETT, K. C. Emergent themes in the study of emotional development and emotion regulation. **Developmental Psychology**, v. 25, n. 3, p. 394–402, 1989. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1989-29112-001>. Acesso em: 10 Maio 2022.

CANTRIL, H. **The pattern of human concerns**. New Jersey: Rutgers University Press, 1965.

CHAO, R. K. Extending Research on the Consequences of Parenting Style for Chinese Americans and European Americans. **Child Development**, v. 72, n. 6, p. 1832–1843, 2001. Disponível em: <https://srcd.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1467-8624.00381>. Acesso em: 10 Maio 2022.

CHOI, S.-C.; KIM, K. A conceptual exploration of the Korean self in comparison with the Western self. **Contributions in Psychology**, v. 42, p. 29–42, 2003.

CLARK, A. E.; FRIJTERS, P.; SHIELDS, M. A. Relative Income, Happiness, and Utility: An Explanation for the Easterlin Paradox and Other Puzzles. **Journal of Economic Literature**, v. 46, n. 1, p. 95–144, 2008. Disponível em: <https://www.aeaweb.org/articles?id=10.1257/jel.46.1.95>. Acesso em: 10 Maio 2022.

CLARK, A. E.; GEORGELLIS, Y. Back to Baseline in Britain: Adaptation in the British Household Panel Survey. **Economica**, v. 80, n. 319, p. 496–512, 2013. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/ecca.12007>. Acesso em: 10 Maio 2022.

CLARK, A. E.; KRISTENSEN, N.; WESTERGÅRD-NIELSEN, N. Economic Satisfaction and Income Rank in Small Neighborhoods. **Journal of the European Economic Association**, v. 7, n. 2–3, p. 519–527, 2009. Disponível em: <https://academic.oup.com/jeea/article-abstract/7/2-3/519/2296004>. Acesso em: 10 Maio 2022.

COLANDER, D. Retrospectives: Edgeworth’s Hedonimeter and the Quest to Measure Utility. **Journal of Economic Perspectives**, v. 21, n. 2, p. 215–225, 2007. Disponível em: <https://www.aeaweb.org/articles?id=10.1257/jep.21.2.215>. Acesso em: 10 Maio 2022.

CONNER, A.; MARKUS, H. **Clash: 8 conflitos culturais que nos influenciam**. 1. ed. Rio de Janeiro: Elsevier Brasil, 2013.

CORBI, R. B.; MENEZES FILHO, N. A. Liberdade Econômica, Liberdade Política e Felicidade: Uma análise empírica de um painel de países. *In: Anais do XXXV Encontro Nacional de Economia-ANPEC*. 2007. Disponível em: <http://www.anpec.org.br/encontro2007/artigos/A07A176.pdf>. Acesso em: 24 Maio 2022.

DANNER, D.; SNOWDON, D.; FRIESEN, W. Wallace V. Positive emotions in early life and longevity: findings from the nun study. **Journal of personality and social psychology**, v. 80, n. 5, p. 804–813, 2001. Disponível em: <https://www.apa.org/pubs/journals/releases/psp805804.pdf>. Acesso em: 10 Maio 2022.

DEATON, A. Income, Health, and Well-Being around the World: Evidence from the Gallup World Poll. **Journal of Economic Perspectives**, v. 22, n. 2, p. 53–72, 2008. Disponível em: <https://www.aeaweb.org/articles?id=10.1257/jep.22.2.53>. Acesso em: 10 Maio 2022.

DECI, E. L.; RYAN, R. M. The “What” and “Why” of Goal Pursuits: Human Needs and the Self-Determination of Behavior. **Psychological Inquiry**, v. 11, n. 4, p. 227–268, 2000. Disponível em: [https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1207/s15327965pli1104\\_01](https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1207/s15327965pli1104_01). Acesso em: 10 Maio 2022.

DELLE FAVE, A. *et al.* The Eudaimonic and Hedonic Components of Happiness: Qualitative and Quantitative Findings. **Social Indicators Research**, v. 100, n. 2, p. 185–207, 2011.

Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11205-010-9632-5#citeas>. Acesso em: 10 Maio 2022.

DIENER, E. *et al.* Dispositional affect and job outcomes. **Social Indicators Research**, v. 59, n. 3, p. 229–259, 2002. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1023/A:1019672513984>. Acesso em: 10 Maio 2022.

DIENER, E. *et al.* Subjective well-being: Three decades of progress. **Psychological Bulletin**, v. 125, n. 2, p. 276–302, 1999. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Eunkook-Suh/publication/232577536\\_Subjective\\_Well-Being\\_Three\\_Decades\\_of\\_Progress/links/0fcfd51467117a0ea0000000/Subjective-Well-Being-Three-Decades-of-Progress.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Eunkook-Suh/publication/232577536_Subjective_Well-Being_Three_Decades_of_Progress/links/0fcfd51467117a0ea0000000/Subjective-Well-Being-Three-Decades-of-Progress.pdf). Acesso em: 10 Maio 2022.

DIENER, E. *et al.* The relationship between income and subjective well-being: Relative or absolute? **Social Indicators Research**, v. 28, n. 3, p. 195–223, 1993. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/BF01079018>. Acesso em: 10 Maio 2022.

DIENER, E.; BISWAS-DIENER, R. Will Money Increase Subjective Well-Being? **Social Indicators Research**, v. 57, n. 2, p. 119–169, 2002. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1023/A:1014411319119>. Acesso em: 10 Maio 2022.

DIENER, E.; DIENER, M.; DIENER, C. Factors Predicting the Subjective Well-Being of Nations. *In*: DIENER, E. (org.). **Culture and Well-Being. Social Indicators Research Series**. 1. ed. Dordrecht: Springer, 2009. v. 38, p. 43–70.

DIENER, E.; KAHNEMAN, D.; HELLIWELL, J. **International Differences in Well-Being**. New York: Oxford University Press, 2010.

DIENER, E.; LUCAS, R. E.; OISHI, S. Advances and Open Questions in the Science of Subjective Well-Being. **Collabra: Psychology**, v. 4, n. 1, 2018. Disponível em: <https://online.ucpress.edu/collabra/article/4/1/15/112974/Advances-and-Open-Questions-in-the-Science-of>. Acesso em: 10 Maio 2022.

DIENER, E.; LUCAS, R. E.; SCOLLON, C. N. Beyond the hedonic treadmill: Revising the adaptation theory of well-being. **American Psychologist**, v. 61, n. 4, p. 305–314, 2006. Disponível em: <https://europepmc.org/article/med/16719675>. Acesso em: 10 Maio 2022.

DIENER, E.; OISHI, S. Money and happiness: Income and subjective well-being across nations. *In*: DIENER, E.; SUH, E. M. (org.). **Culture and subjective well-being**. [S. l.]: The MIT Press, 2000. p. 185–218.

DIENER, E.; OISHI, S.; LUCAS, R. E. Personality, Culture, and Subjective Well-Being: Emotional and Cognitive Evaluations of Life. **Annual Review of Psychology**, v. 54, n. 1, p. 403–425, 2003. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/doi/abs/10.1146/annurev.psych.54.101601.145056>. Acesso em: 10 Maio 2022.

DIENER, E.; SELIGMAN, M. E. P. Beyond Money: Toward an Economy of Well-Being. **Psychological Science in the Public Interest**, v. 5, n. 1, p. 1–31, 2004. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1111/j.0963-7214.2004.00501001.x>. Acesso em: 10 Maio 2022.

- DIENER, E.; SUH, E. Measuring quality of life: Economic, social, and subjective indicators. **Social Indicators Research**, v. 40, n. 1/2, p. 189–216, 1997. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1023/A:1006859511756>. Acesso em: 10 Maio 2022.
- EASTERLIN, R. Does Economic Growth Improve the Human Lot? Some Empirical Evidence. In: DAVID, P.; REDER, M. (org.). **Nations and Households in Economic Growth**. [S. l.]: Elsevier, 1974. p. 89–125. *E-book*. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/B9780122050503500087>. Acesso em: 10 Maio 2022.
- EASTERLIN, R. A. **Happiness, Growth, and the Life Cycle**. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- EASTERLIN, R. Life cycle happiness and its sources. **Journal of Economic Psychology**, v. 27, n. 4, p. 463–482, 2006. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0167487006000407>. Acesso em: 10 Maio 2022.
- EKMAN, P.; DAVIDSON, R. J.; FRIESEN, W. v. The Duchenne smile: Emotional expression and brain physiology: II. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 58, n. 2, p. 342–353, 1990. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/doiLanding?doi=10.1037%2F0022-3514.58.2.342>. Acesso em: 10 Maio 2022.
- EMMONS, R. A.; DIENER, E. Personality Correlates of Subjective Well-Being. **Personality and Social Psychology Bulletin**, v. 11, n. 1, p. 89–97, 1985. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0146167285111008>. Acesso em: 10 Maio 2022.
- FÁVERO, L. P.; BELFIORE, P. **Manual de análise de dados**. 1. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2017.
- FERRER-I-CARBONELL, A. Income and well-being: an empirical analysis of the comparison income effect. **Journal of Public Economics**, v. 89, n. 5–6, p. 997–1019, 2005. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S004727270400088X>. Acesso em: 10 Maio 2022.
- FLEURBAEY, M. Beyond GDP: The Quest for a Measure of Social Welfare. **Journal of Economic Literature**, v. 47, n. 4, p. 1029–1075, 2009. Disponível em: <https://www.aeaweb.org/articles?id=10.1257/jel.47.4.1029>. Acesso em: 10 Maio 2022.
- FOX, N. A.; DAVIDSON, R. J. Patterns of brain electrical activity during facial signs of emotion in 10-month-old infants. **Developmental Psychology**, v. 24, n. 2, p. 230–236, 1988. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1988-26111-001>. Acesso em: 10 Maio 2022.
- FRANCO, G. H. B. Índices de felicidade e desenvolvimento econômico. In: **Ciclo de Conferências O próximo futuro: grandes lições - Fundação Calouste Gulbenkian**. Lisboa: [s. n.], 2011. Disponível em: <http://www.gustavofranco.com.br/uploads/files/Economia%20e%20felicidade%20-%20o%20ensaio.pdf>. Acesso em: 24 Maio 2022.
- FREDERICK, S. Hedonic adaptation. In: KAHNEMAN, D.; DIENER, E.; SCHWARZ, N. (org.). **Well-Being. The foundations of Hedonic Psychology**. New York: Russell Sage Foundation, 1999. p. 302–329.

FREDERICK, S. Hedonic Treadmill. *In*: BAUMEISTER, R. F.; VOHS, K. D. (org.). **Encyclopedia of Social Psychology**. [S. l.]: SAGE Publications, 2007. p. 419–420.

FREY, B. **Happiness: A revolution in economics**. [S. l.]: MIT Press, 2008.

FREY, B. S.; STUTZER, A. What Can Economists Learn from Happiness Research? **Journal of Economic Literature**, v. 40, n. 2, p. 402–435, 2002. Disponível em: <https://www.aeaweb.org/articles?id=10.1257/002205102320161320>. Acesso em: 10 Maio 2022.

FRIJDA, N. H.; MANSTEAD, A. S. R.; BEM, S. **Emotions and Beliefs**. New York: Cambridge University Press, 2000.

FUJITA, F.; DIENER, E.; SANDVIK, E. Gender differences in negative affect and well-being: The case for emotional intensity. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 61, n. 3, p. 427–434, 1991. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/doiLanding?doi=10.1037%2F0022-3514.61.3.427>. Acesso em: 10 Maio 2022.

FULMER, C. A. *et al.* On “Feeling Right” in Cultural Contexts: How Person-Culture Match Affects Self-Esteem and Subjective Well-Being. **Psychological Science**, v. 21, n. 11, p. 1563–1569, 2010. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0956797610384742>. Acesso em: 10 Maio 2022.

GOLGHER, A.; COUTINHO, R. Z. Life satisfaction in Brazil: an exploration of theoretical correlates and age, period and cohort variations using the World Values Survey (1991-2014). **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 37, p. 1–27, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0108>. Acesso em: 24 Maio 2022.

GRAHAM, C. **Happiness around the world: The paradox of happy peasants and miserable millionaires**. [S. l.]: Oxford University Press, 2012.

GRAHAM, C.; PETTINATO, S. Frustrated Achievers: Winners, Losers and Subjective Well-Being in New Market Economies. **Journal of Development Studies**, v. 38, n. 4, p. 100–140, 2002. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00220380412331322431>. Acesso em: 10 Maio 2022.

GRAHAM, C.; PETTINATO, S. Happiness, markets, and democracy: Latin America in comparative perspective. **Journal of Happiness Studies**, v. 2, n. 3, p. 237–268, 2001. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1023/A:1011860027447>. Acesso em: 10 Maio 2022.

GREBNER, S. *et al.* Working conditions, well-being, and job-related attitudes among call center agents. **European Journal of Work and Organizational Psychology**, v. 12, n. 4, p. 341–365, 2003. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13594320344000192>. Acesso em: 10 Maio 2022.

GREENACRE, M. **Correspondence Analysis in Practice**. New York: Chapman and Hall/CRC, 2017. v. 3

- GUL, F.; PESENDORFER, W. Welfare without Happiness. **American Economic Review**, v. 97, n. 2, p. 471–476, 2007. Disponível em: <https://www.aeaweb.org/articles?id=10.1257/aer.97.2.471>. Acesso em: 10 Maio 2022.
- GURIEV, S.; ZHURAVSKAYA, E. (Un)Happiness in Transition. **Journal of Economic Perspectives**, v. 23, n. 2, p. 143–168, 2009. Disponível em: <https://www.aeaweb.org/articles?id=10.1257/jep.23.2.143>. Acesso em: 10 Maio 2022.
- HAGERTY, M. R. Testing Maslow’s Hierarchy of Needs: National Quality-of-Life Across Time. **Social Indicators Research**, v. 46, n. 3, p. 249–271, 1997. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1023/A:1006921107298>. Acesso em: 10 Maio 2022.
- HAGERTY, M. R.; VEENHOVEN, R. Wealth and happiness revisited—growing national income does go with greater happiness. **Social Indicators Research**, v. 64, n. 1, p. 1–27, 2003. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1023/A:1024790530822>. Acesso em: 10 Maio 2022.
- HALLER, M.; HADLER, M. How Social Relations and Structures can Produce Happiness and Unhappiness: An International Comparative Analysis. **Social Indicators Research**, v. 75, n. 2, p. 169–216, 2006. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11205-004-6297-y>. Acesso em: 10 Maio 2022.
- HAYBRON, D. M. Do We Know How Happy We Are? On Some Limits of Affective Introspection and Recall. **Nous**, v. 41, n. 3, p. 394–428, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1468-0068.2007.00653.x>. Acesso em: 10 Maio 2022.
- HAYBRON, D. Life satisfaction, ethical reflection, and the science of happiness. **Journal of Happiness Studies**, v. 8, n. 1, p. 99–138, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10902-006-9006-5>. Acesso em: 10 Maio 2022.
- HEADEY, B.; MUFFELS, R.; WOODEN, M. Money Does not Buy Happiness: Or Does It? A Reassessment Based on the Combined Effects of Wealth, Income and Consumption. **Social Indicators Research**, v. 87, n. 1, p. 65–82, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11205-007-9146-y>. Acesso em: 10 Maio 2022.
- HEADEY, B.; WEARING, A. Personality, life events, and subjective well-being: toward a dynamic equilibrium model. **Journal of Personality and Social psychology**, v. 57, n. 4, p. 731–739, 1989. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/buy/1990-00988-001>. Acesso em: 10 Maio 2022.
- HEINE, S. J.; HAMAMURA, T. In Search of East Asian Self-Enhancement. **Personality and Social Psychology Review**, v. 11, n. 1, p. 4–27, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1088868306294587>. Acesso em: 10 Maio 2022.
- HEINE, S. J.; TAKATA, T.; LEHMAN, D. R. Beyond Self-Presentation: Evidence for Self-Criticism among Japanese. **Personality and Social Psychology Bulletin**, v. 26, n. 1, p. 71–78, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0146167200261007>. Acesso em: 10 Maio 2022.
- HELLIWELL, J. F. How’s life? Combining individual and national variables to explain subjective well-being. **Economic Modelling**, v. 20, n. 2, p. 331–360, 2003. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0264-9993\(02\)00057-3](https://doi.org/10.1016/S0264-9993(02)00057-3). Acesso em: 10 Maio 2022.

- HELLIWELL, J.; LAYARD, R.; SACHS, J. **World Happiness Report 2019**. New York: [s. n.], 2019. Disponível em: <https://www.nationalwellbeingsservice.org/wp-content/uploads/2019/03/World-Happiness-Report-2019.pdf>. Acesso em: 10 Maio 2022.
- HICKS, J. R.; ALLEN, R. G. D. A Reconsideration of the Theory of Value. Part I. **Economica**, v. 1, n. 1, p. 52–76, 1934. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/2548574>. Acesso em: 10 Maio 2022.
- HOFSTEDE, G. **Culture's consequences: Comparing values, behaviors, institutions and organizations across nations**. California: Sage Publications, 2001.
- HOFSTEDE, G.; HOFSTEDE, G. J.; MINKOV, M. **Cultures and organizations: Software of the mind**. 3. ed. New York: Mcgraw-Hill, 2010.
- HOWELL, R. T.; HOWELL, C. J. The relation of economic status to subjective well-being in developing countries: A meta-analysis. **Psychological Bulletin**, v. 134, n. 4, p. 536–560, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0033-2909.134.4.536>. Acesso em: 10 Maio 2022.
- HOX, J. **Applied multilevel analysis**. Amsterdam: TT-Publikaties, 1995.
- HOX, J. Multilevel Modeling: When and Why. *In*: BALDERJAHN, I.; MATHAR, R.; SCHADER, M. (org.). **Classification, Data Analysis, and Data Highways**. Berlin: Springer, 1998. p. 147–154. *E-book*. Disponível em: [https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-642-72087-1\\_17](https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-642-72087-1_17). Acesso em: 10 Maio 2022.
- IDLER, E. L.; KASL, S. v. Religion among Disabled and Nondisabled Persons I: Cross-sectional Patterns in Health Practices, Social Activities, and Well-being Ellen. **The Journals of Gerontology Series B: Psychological Sciences and Social Sciences**, v. 52B, n. 6, p. S294–S305, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/geronb/52B.6.S294>. Acesso em: 10 Maio 2022.
- INGLEHART, R. *et al.* **World Values Survey: All Rounds – CountryPooled Datafile**. Madrid, Spain e Vienna, Austria: JD Systems Institute & WVSA Secretariat, 2020. Disponível em: <http://www.worldvaluessurvey.org/WVSDocumentationWVL.jsp>. Acesso em: 17 Maio 2022.
- INGLEHART, R.; KLINGEMANN, H. D. Genes, culture, democracy, and happiness. *In*: DIENER, E.; OISHI, S. (org.). **Culture and subjective well-being**. [S. l.]: The MIT Press, 2000. p. 165–183.
- INKELES, A. **National character: A psycho-social perspective**. New York: Routledge, 2017.
- Jl, L.-J.; NISBETT, R. E.; SU, Y. Culture, Change, and Prediction. **Psychological Science**, v. 12, n. 6, p. 450–456, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/1467-9280.00384>. Acesso em: 10 Maio 2022.
- JOHNSTON, B. R. *et al.* On Happiness. **American Anthropologist**, v. 114, n. 1, p. 6–18, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1548-1433.2011.01393.x>. Acesso em: 10 Maio 2022.

KAHNEMAN, D. *et al.* A Survey Method for Characterizing Daily Life Experience: The Day Reconstruction Method. **Science**, v. 306, n. 5702, p. 1776–1780, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1126/science.1103572>. Acesso em: 10 Maio 2022.

KAHNEMAN, D.; DEATON, A. High income improves evaluation of life but not emotional well-being. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 107, n. 38, p. 16489–16493, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1073/pnas.1011492107>. Acesso em: 10 Maio 2022.

KAHNEMAN, D.; KRUEGER, A. B. Developments in the Measurement of Subjective Well-Being. **Journal of Economic Perspectives**, v. 20, n. 1, p. 3–24, 2006. Disponível em: <https://www.aeaweb.org/articles/pdf/doi/10.1257/089533006776526030>. Acesso em: 10 Maio 2022.

KASHDAN, T. B.; BISWAS-DIENER, R.; KING, L. A. Reconsidering happiness: the costs of distinguishing between hedonics and eudaimonia. **The Journal of Positive Psychology**, v. 3, n. 4, p. 219–233, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17439760802303044>. Acesso em: 10 Maio 2022.

KESEBIR, P.; DIENER, E. In Pursuit of Happiness: Empirical Answers to Philosophical Questions. *In*: DIENER, E (org.). **The Science of Well-Being. Social Indicators Research Series**. Dordrecht: Springer, 2009. v. 37, p. 59–74. *E-book*. Disponível em: [https://doi.org/10.1007/978-90-481-2350-6\\_3](https://doi.org/10.1007/978-90-481-2350-6_3). Acesso em: 10 Maio 2022.

KIM, H. K.; MCKENRY, P. C. The Relationship Between Marriage and Psychological Well-being. **Journal of Family Issues**, v. 23, n. 8, p. 885–911, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/019251302237296>. Acesso em: 10 Maio 2022.

KITAYAMA, S. *et al.* Individual and collective processes in the construction of the self: Self-enhancement in the United States and self-criticism in Japan. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 72, n. 6, p. 1245–1267, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0022-3514.72.6.1245>. Acesso em: 10 Maio 2022.

KITAYAMA, S.; MARKUS, H. **Emotion and culture: Empirical studies of mutual influence**. Washington: American Psychological Association, 1994.

KITAYAMA, S.; MARKUS, H. The pursuit of happiness and the realization of sympathy: Cultural patterns of self, social relations, and well-being. *In*: DIENER, E.; SUH, E. (org.). **Culture and subjective well-being**. [S. l.]: The MIT Press, 2000. p. 113–161.

KITAYAMA, S.; MARKUS, H. R.; KUROKAWA, M. Culture, Emotion, and Well-being: Good Feelings in Japan and the United States. **Cognition & Emotion**, v. 14, n. 1, p. 93–124, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/026999300379003>. Acesso em: 10 Maio 2022.

KOBAYASHI, C.; BROWN, J. D. Self-Esteem and Self-Enhancement in Japan and America. **Journal of Cross-Cultural Psychology**, v. 34, n. 5, p. 567–580, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0022022103256479>. Acesso em: 10 Maio 2022.

KUMAR, A.; GILOVICH, T. Some “Thing” to Talk About? Differential Story Utility From Experiential and Material Purchases. **Personality and Social Psychology Bulletin**, v. 41, n. 10, p. 1320–1331, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0146167215594591>. Acesso em: 10 Maio 2022.



LAYARD, P. R. G.; LAYARD, R. **Happiness: Lessons from a new science**. [S. l.]: Penguin UK, 2011.

LU, L.; GILMOUR, R. Culture and conceptions of happiness: individual oriented and social oriented swb. **Journal of Happiness Studies**, v. 5, n. 3, p. 269–291, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10902-004-8789-5>. Acesso em: 10 Maio 2022.

LUCAS, R. E. *et al.* Reexamining adaptation and the set point model of happiness: Reactions to changes in marital status. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 84, n. 3, p. 527–539, 2003. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/0022-3514.84.3.527>. Acesso em: 10 Maio 2022.

LUCAS, R. E. *et al.* Unemployment Alters the Set Point for Life Satisfaction. **Psychological Science**, v. 15, n. 1, p. 8–13, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.0963-7214.2004.01501002.x>. Acesso em: 10 Maio 2022.

LUTTMER, E. F. P. Neighbors as Negatives: Relative Earnings and Well-Being. **The Quarterly Journal of Economics**, v. 120, n. 3, p. 963–1002, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/qje/120.3.963>. Acesso em: 10 Maio 2022.

LUTZ, C. Emotion, Thought, and Estrangement: Emotion as a Cultural Category. **Cultural Anthropology**, v. 1, n. 3, p. 287–309, 1986a. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/656193>.

LUTZ, C. Emotion, thought, and estrangement: Emotion as a cultural category. **Cultural anthropology**, v. 1, n. 3, p. 287–309, 1986b. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/656193>. Acesso em: 10 Maio 2022.

LUTZ, C.; WHITE, G. M. The Anthropology of Emotions. **Annual Review of Anthropology**, v. 15, p. 405–436, 1986. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2155767>. Acesso em: 10 Maio 2022.

LYUBOMIRSKY, S.; LEPPER, H. S. A Measure of Subjective Happiness: Preliminary Reliability and Construct Validation. **Social Indicators Research**, v. 46, n. 2, p. 137–155, 1999. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1023/A:1006824100041>. Acesso em: 11 Maio 2022.

MAGNUS, K. *et al.* Extraversion and neuroticism as predictors of objective life events: A longitudinal analysis. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 65, n. 5, p. 1046–1053, 1993. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0022-3514.65.5.1046>. Acesso em: 11 Maio 2022.

MARKUS, H. R.; KITAYAMA, S. Culture and the self: Implications for cognition, emotion, and motivation. **Psychological Review**, v. 98, n. 2, p. 224–253, 1991. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0033-295X.98.2.224>. Acesso em: 11 Maio 2022.

MARKUS, H. R.; KITAYAMA, S. Cultures and Selves. **Perspectives on Psychological Science**, v. 5, n. 4, p. 420–430, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1745691610375557>. Acesso em: 11 Maio 2022.

MARKUS, H. R.; KITAYAMA, S. The cultural shaping of emotion: A conceptual framework. In: **Emotion and Culture: Empirical Studies of Mutual Influence**. Washington: American Psychological Association, 1994. p. 339–351. *E-book*. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/10152-020>. Acesso em: 12 Maio 2022.

- MASLOW, A. H. A theory of human motivation. **Psychological Review**, v. 50, n. 4, p. 370–396, 1943. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/h0054346>. Acesso em: 11 Maio 2022.
- MATHEWS, G.; IZQUIERDO, C. Introduction: Anthropology, happiness, and well-being. *In: PURSUITS OF HAPPINESS: WELL-BEING IN ANTHROPOLOGICAL PERSPECTIVE*. [S. l.]: Berghahn New York, 2009. p. 1–19.
- MATSUMOTO, D.; SEUNG HEE YOO; FONTAINE, J. Mapping Expressive Differences Around the World. **Journal of Cross-Cultural Psychology**, v. 39, n. 1, p. 55–74, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0022022107311854>. Acesso em: 11 Maio 2022.
- MCMAHON, D. M. **Happiness: A history**. [S. l.]: Grove Press, 2006.
- MEAD, G. H.; SCHUBERT, C. **Mind, self and society**. Chicago: University of Chicago Press, 1934. v. 111
- MELLO, L. G. de. **Antropologia cultural: iniciação, teoria e temas**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- MESQUITA, B.; FRIJDA, N. H. Cultural variations in emotions: A review. **Psychological Bulletin**, v. 112, n. 2, p. 179–204, 1992. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0033-2909.112.2.179>. Acesso em: 11 Maio 2022.
- MINGOTI, S. A. **Análise de dados através de métodos estatística multivariada: uma abordagem aplicada**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- MINKOV, M. **Cross-Cultural Analysis: The Science and Art of Comparing the World's Modern Societies and Their Cultures**. [S. l.]: SAGE Publications, 2012. *E-book*. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=Ww9zAAwAAQBAJ>.
- MURRELL, S. A.; SALSMAN, N. L.; MEEKS, S. Positive and Negative Psychological States and Economic Status as Mediators of the Relationship of Education to Fatigue Among Older Adults. **Research on Aging**, v. 26, n. 6, p. 673–700, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0164027504268490>. Acesso em: 11 Maio 2022.
- MYERSON, A. Eupathics - A program for mental hygiene. **The Journal of Abnormal Psychology**, v. 12, n. 5, p. 343–347, 1917. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/h0073646>. Acesso em: 11 Maio 2022.
- NAKAMURA, J.; CSIKSZENTMIHALYI, M. The Concept of Flow. *In: FLOW AND THE FOUNDATIONS OF POSITIVE PSYCHOLOGY*. Dordrecht: Springer Netherlands, 2014. p. 239–263. *E-book*. Disponível em: [https://doi.org/10.1007/978-94-017-9088-8\\_16](https://doi.org/10.1007/978-94-017-9088-8_16). Acesso em: 12 Maio 2022.
- NERY, P. F. **Economia da felicidade: implicações para Políticas Públicas Brasília: Núcleo de Estudos e Pesquisas/CONLEG/Senado**. Brasília: [s. n.], 2014. Disponível em: [www.senado.leg.br/estudos](http://www.senado.leg.br/estudos). Acesso em: 24 Maio 2022.
- NISBETT, R. **The Geography of Thought: How Asians and Westerners Think Differently...and Why**. New York: Free Press, 2004. *E-book*. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=525HX623L\\_cC](https://books.google.com.br/books?id=525HX623L_cC).
- OISHI, S. Culture and Well-Being: Conceptual and Methodological Issues. *In: DIENER, E.; HELLIWELL, J.; KAHNEMAN, D. (org.). International Differences in Well-Being*. [S. l.]:

Oxford University Press, 2010. p. 34–69. *E-book*. Disponível em:

<https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199732739.003.0003>. Acesso em: 11 Maio 2022.

OISHI, S.; SCHIMMACK, U.; COLCOMBE, S. J. The contextual and systematic nature of life satisfaction judgments. **Journal of Experimental Social Psychology**, v. 39, n. 3, p. 232–247, 2003. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0022-1031\(03\)00016-7](https://doi.org/10.1016/S0022-1031(03)00016-7). Acesso em: 11 Maio 2022.

PAVOT, W. *et al.* Further Validation of the Satisfaction With Life Scale: Evidence for the Cross-Method Convergence of Well-Being Measures. **Journal of Personality Assessment**, v. 57, n. 1, p. 149–161, 1991. Disponível em: [https://doi.org/10.1207/s15327752jpa5701\\_17](https://doi.org/10.1207/s15327752jpa5701_17). Acesso em: 11 Maio 2022.

PCHELIN, P.; HOWELL, R. T. The hidden cost of value-seeking: People do not accurately forecast the economic benefits of experiential purchases. **The Journal of Positive Psychology**, v. 9, n. 4, p. 322–334, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17439760.2014.898316>. Acesso em: 11 Maio 2022.

POSTON, B. Maslow's hierarchy of needs. **The surgical technologist**, v. 41, n. 8, p. 347–353, 2009. Disponível em: <https://www.ast.org/pdf/308.pdf>. Acesso em: 11 Maio 2022.

PRAAG, B. van; FERRER-I-CARBONELL, A. **Happiness Quantified: A Satisfaction Calculus Approach**. [S. l.]: Oxford University Press, 2004.

PUTNAM, R. D. **Bowling alone: The collapse and revival of American community**. [S. l.]: Simon and Schuster, 2000.

RAUDENBUSH, S. W.; BRYK, A. S. **Hierarchical linear models: Applications and data analysis methods**. [S. l.]: Sage, 2002. v. 1

REHDANZ, K. *et al.* Well-being effects of a major natural disaster: The case of Fukushima. **Journal of Economic Behavior & Organization**, v. 116, p. 500–517, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jebo.2015.05.014>. Acesso em: 11 Maio 2022.

RICHERSON, P. J.; BOYD, R. **Not by genes alone: How culture transformed human evolution**. [S. l.]: University of Chicago press, 2008.

ROBBINS, L. Live and Dead Issues in the Methodology of Economics. **Economica**, v. 5, n. 19, p. 342, 1938. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/2548633>. Acesso em: 11 Maio 2022.

RODRIGUES, O. A.; SHIKIDA, P. F. A. Economia e felicidade: elementos teóricos e evidências empíricas. **Pesquisa & Debate. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Economia Política**, v. 16, n. 1 (27), 2005. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/rpe/article/view/11894>. Acesso em: 24 Maio 2022.

ROJAS, M. Heterogeneity in the relationship between income and happiness: A conceptual-referent-theory explanation. **Journal of Economic Psychology**, v. 28, n. 1, p. 1–14, 2007a. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.joep.2005.10.002>. Acesso em: 11 Maio 2022.

ROJAS, M. The complexity of well-being: A life-satisfaction conception and a domains-of-life approach. **Researching well-being in developing countries: From theory to research**, p. 259–280, 2007b. Disponível em: [https://www.academia.edu/download/11227006/luis\\_mariano4.pdf](https://www.academia.edu/download/11227006/luis_mariano4.pdf). Acesso em: 11 Maio 2022.

- ROSEN, Frederick. **Classical Utilitarianism from Hume to Mill**. London: Routledge, 2003.
- RYFF, C. D.; KEYES, C. L. M. The structure of psychological well-being revisited. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 69, n. 4, p. 719–727, 1995. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0022-3514.69.4.719>. Acesso em: 11 Maio 2022.
- RYFF, C. D.; SINGER, B. H. Know Thyself and Become What You Are: A Eudaimonic Approach to Psychological Well-Being. **Journal of Happiness Studies**, v. 9, n. 1, p. 13–39, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10902-006-9019-0>. Acesso em: 11 Maio 2022.
- SACKS, D. W.; STEVENSON, B.; WOLFERS, J. The new stylized facts about income and subjective well-being. **Emotion**, v. 12, n. 6, p. 1181–1187, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/a0029873>. Acesso em: 11 Maio 2022.
- SANDERSTROM, K. L.; MARTIN, D. D.; FINE, G. A. Símbolos, selves e realidade social: uma abordagem interacionista simbólica à psicologia social e à sociologia. **Rio de Janeiro: Vozes**, 2016.
- SANDVIK, E.; DIENER, E.; SEIDLITZ, L. Subjective Well-Being: The Convergence and Stability of Self-Report and Non-Self-Report Measures. **Journal of Personality**, v. 61, n. 3, p. 317–342, 1993. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.1993.tb00283.x>. Acesso em: 11 Maio 2022.
- SAPOLSKY, R. M. **Behave: The biology of humans at our best and worst**. [S. l.]: Penguin, 2017.
- SCHIMMACK, U. *et al.* Culture, personality, and subjective well-being: Integrating process models of life satisfaction. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 82, n. 4, p. 582–593, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0022-3514.82.4.582>. Acesso em: 11 Maio 2022.
- SCHIMMACK, U.; OISHI, S.; DIENER, E. Cultural influences on the relation between pleasant emotions and unpleasant emotions: Asian dialectic philosophies or individualism-collectivism? **Cognition and Emotion**, v. 16, n. 6, p. 705–719, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/02699930143000590>. Acesso em: 11 Maio 2022.
- SCHWARTZ, S. H. An Overview of the Schwartz Theory of Basic Values. **Online Readings in Psychology and Culture**, v. 2, n. 1, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.9707/2307-0919.1116>. Acesso em: 28 Maio 2022.
- SCHWARZ, N.; STRACK, F. Reports of subjective well-being: Judgmental processes and their methodological implications. **Well-being: The foundations of hedonic psychology**, v. 7, p. 61–84, 1999. Disponível em: <http://apps.usd.edu/coglab/schieber/hedonomics/pdf/Schwarz-1999.pdf>. Acesso em: 11 Maio 2022.
- SCHYNS, P. Wealth Of Nations, Individual Income and Life Satisfaction in 42 Countries: A Multilevel Approach. **Social Indicators Research**, v. 60, n. 1/3, p. 5–40, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1023/A:1021244511064>. Acesso em: 11 Maio 2022.
- SCOLLON, C. N. *et al.* Emotions Across Cultures and Methods. **Journal of Cross-Cultural Psychology**, v. 35, n. 3, p. 304–326, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0022022104264124>. Acesso em: 11 Maio 2022.

- SELIGMAN, M. E. P. *et al.* Positive Psychology Progress: Empirical Validation of Interventions. **American Psychologist**, v. 60, n. 5, p. 410–421, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0003-066X.60.5.410>. Acesso em: 11 Maio 2022.
- SEN, A. Health: perception versus observation. **BMJ**, v. 324, n. 7342, p. 860–861, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1136/bmj.324.7342.860>. Acesso em: 11 Maio 2022.
- SHELDON, K. M. *et al.* Trait self and true self: Cross-role variation in the Big-Five personality traits and its relations with psychological authenticity and subjective well-being. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 73, n. 6, p. 1380–1393, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0022-3514.73.6.1380>. Acesso em: 11 Maio 2022.
- STEPTOE, A.; DEATON, A.; STONE, A. A. Subjective wellbeing, health, and ageing. **The Lancet**, v. 385, n. 9968, p. 640–648, 2015. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(13\)61489-0](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(13)61489-0). Acesso em: 11 Maio 2022.
- STEVENSON, B.; WOLFERS, J. **Economic Growth and Subjective Well-Being: Reassessing the Easterlin Paradox**. Cambridge, MA: [s. n.], 2008. Disponível em: <https://www.nber.org/papers/w14282>. Acesso em: 11 Maio 2022.
- STEVENSON, B.; WOLFERS, J. The Paradox of Declining Female Happiness. **American Economic Journal: Economic Policy**, v. 1, n. 2, p. 190–225, 2009. Disponível em: <https://www.aeaweb.org/articles?id=10.1257/pol.1.2.190>. Acesso em: 11 Maio 2022.
- STIGLER, J. W.; SMITH, S.; MAO, L. The Self-Perception of Competence by Chinese Children. **Child Development**, v. 56, n. 5, p. 1259, 1985. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/1130241>. Acesso em: 11 Maio 2022.
- STUTZER, A.; FREY, B. S. **Recent Developments in the Economics of Happiness: A Selective Overview IZA Discussion Paper**. [S. l.: s. n.], 2012. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.2139/ssrn.2192854>. Acesso em: 11 Maio 2022.
- STUTZER, A.; LALIVE, R. The Role of Social Work Norms in Job Searching and Subjective Well-Being. **Journal of the European Economic Association**, v. 2, n. 4, p. 696–719, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1162/1542476041423331>. Acesso em: 11 Maio 2022.
- SUH, E. M. Culture, identity consistency, and subjective well-being. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 83, n. 6, p. 1378–1391, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0022-3514.83.6.1378>. Acesso em: 11 Maio 2022.
- SUH, E. *et al.* The shifting basis of life satisfaction judgments across cultures: Emotions versus norms. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 74, n. 2, p. 482–493, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0022-3514.74.2.482>. Acesso em: 11 Maio 2022.
- SUH, E. M.; DIENER, E.; UPDEGRAFF, J. A. From Culture to Priming Conditions. **Journal of Cross-Cultural Psychology**, v. 39, n. 1, p. 3–15, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0022022107311769>. Acesso em: 11 Maio 2022.
- TAY, L.; DIENER, E. Needs and subjective well-being around the world. **Journal of personality and social psychology**, v. 101, n. 2, p. 354, 2011. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/journals/psp/101/2/354.html?uid=2011-12249-001>. Acesso em: 11 Maio 2022.

TELLA, R. di; MACCULLOCH, R. Some Uses of Happiness Data in Economics. **Journal of Economic Perspectives**, v. 20, n. 1, p. 25–46, 2006. Disponível em: <https://www.aeaweb.org/articles?id=10.1257/089533006776526111>. Acesso em: 10 Maio 2022.

TELLA, R. di; MACCULLOCH, R. J.; OSWALD, A. J. The Macroeconomics of Happiness. **Review of Economics and Statistics**, v. 85, n. 4, p. 809–827, 2003. Disponível em: <https://direct.mit.edu/rest/article-abstract/85/4/809/57422/The-Macroeconomics-of-Happiness>. Acesso em: 10 Maio 2022.

TELLEGEN, A. *et al.* Personality similarity in twins reared apart and together. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 54, n. 6, p. 1031–1039, 1988. Disponível em: 10.1037/0022-3514.54.6.1031. Acesso em: 11 Maio 2022.

THALER, R. H. From Homo Economicus to Homo Sapiens. **Journal of Economic Perspectives**, v. 14, n. 1, p. 133–141, 2000. Disponível em: DOI: 10.1257/jep.14.1.133. Acesso em: 11 Maio 2022.

TOV, W.; DIENER, E. Culture and Subjective Well-Being. *In*: DIENER, E. (org.). **Culture and Well-Being. Social Indicators Research Series**. Dordrecht: Springer, 2009. v. 38, p. 9–41. *E-book*. Disponível em: [https://doi.org/10.1007/978-90-481-2352-0\\_2](https://doi.org/10.1007/978-90-481-2352-0_2). Acesso em: 11 Maio 2022.

TRIANDIS, H. C. *et al.* Allocentric versus idiocentric tendencies: Convergent and discriminant validation. **Journal of Research in Personality**, v. 19, n. 4, p. 395–415, 1985. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/0092-6566\(85\)90008-X](https://doi.org/10.1016/0092-6566(85)90008-X). Acesso em: 11 Maio 2022.

TRIANDIS, H. C. *et al.* Individualism and collectivism: Cross-cultural perspectives on self-ingroup relationships. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 54, n. 2, p. 323–338, 1988. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0022-3514.54.2.323>. Acesso em: 11 Maio 2022.

TRIANDIS, H. C. Individualism–Collectivism and Personality. **Journal of Personality**, v. 69, n. 6, p. 907–924, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/1467-6494.696169>. Acesso em: 11 Maio 2022.

TRIANDIS, H. C. Major cultural syndromes and emotion. *In*: KITAYAMA, S.; MARKUS, H. (org.). **Emotion and culture: Empirical studies of mutual influence**. Washington: American Psychological Association, 1994. p. 285–308. *E-book*. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/10152-008>. Acesso em: 11 Maio 2022.

TRIANDIS, H. C. The self and social behavior in differing cultural contexts. **Psychological Review**, v. 96, n. 3, p. 506–520, 1989. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0033-295X.96.3.506>. Acesso em: 11 Maio 2022.

TSAI, J. L.; KNUTSON, B.; FUNG, H. H. Cultural variation in affect valuation. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 90, n. 2, p. 288–307, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0022-3514.90.2.288>. Acesso em: 11 Maio 2022.

UCHIDA, Y.; NORASAKKUNKIT, V.; KITAYAMA, S. Cultural constructions of happiness: theory and empirical evidence. **Journal of Happiness Studies**, v. 5, n. 3, p. 223–239, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10902-004-8785-9>. Acesso em: 11 Maio 2022.

UCHIDA, Y.; TAKAHASHI, Y.; KAWAHARA, K. Changes in Hedonic and Eudaimonic Well-Being After a Severe Nationwide Disaster: The Case of the Great East Japan Earthquake. **Journal of Happiness Studies**, v. 15, n. 1, p. 207–221, 2014.

VAN DE VIJVER, F. J. R.; VAN HEMERT, D. A.; POORTINGA, Y. H. **Multilevel Analysis of Individuals and Cultures**. 1. ed. New York: Psychology Press, 2015.

VAN PRAAG, B. M. S.; FRIJTERS, P.; FERRER-I-CARBONELL, A. The anatomy of subjective well-being. **Journal of Economic Behavior & Organization**, v. 51, n. 1, p. 29–49, 2003. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0167-2681\(02\)00140-3](https://doi.org/10.1016/S0167-2681(02)00140-3). Acesso em: 11 Maio 2022.

VEENHOVEN, R. *et al.* **Happiness in nations: Subjective appreciation of life in 56 nations 1946–1992**. [S. l.]: Erasmus University Rotterdam, 1993.

VEENHOVEN, R. Is Happiness a Trait? In: MICHALOS, A. (org.). **Citation Classics from Social Indicators Research**. Dordrecht: Springer, 2005. p. 477–536. *E-book*. Disponível em: [https://doi.org/10.1007/1-4020-3742-2\\_17](https://doi.org/10.1007/1-4020-3742-2_17). Acesso em: 11 Maio 2022.

VEENHOVEN, R. The utility of happiness. **Social Indicators Research**, v. 20, n. 4, p. 333–354, 1988. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/BF00302332>. Acesso em: 11 Maio 2022.

VEENHOVEN, R.; HAGERTY, M. Rising Happiness in Nations 1946–2004: A Reply to Easterlin. **Social Indicators Research**, v. 79, n. 3, p. 421–436, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11205-005-5074-x>. Acesso em: 11 Maio 2022.

WAHBA, M. A.; BRIDWELL, L. G. Maslow reconsidered: A review of research on the need hierarchy theory. **Organizational Behavior and Human Performance**, v. 15, n. 2, p. 212–240, 1976. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/0030-5073\(76\)90038-6](https://doi.org/10.1016/0030-5073(76)90038-6). Acesso em: 11 Maio 2022.

WELZEL, C. **Freedom rising: human empowerment and the quest for emancipation**. New York: Cambridge University Press, 2013.

WIERZBICKA, A. Human Emotions: Universal or Culture-Specific?. **American Anthropologist**, v. 88, n. 3, p. 584–594, 1986. Disponível em: <https://doi.org/10.1525/aa.1986.88.3.02a00030>. Acesso em: 11 Maio 2022.

WILSON, W. R. Correlates of avowed happiness. **Psychological Bulletin**, v. 67, n. 4, p. 294–306, 1967. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/h0024431>. Acesso em: 11 Maio 2022.

WORLD BANK, W. D. I. database. **GDP per capita, PPP (constant 2017 international \$)**. [S. l.]: Eurostat-OECD PPP Programme, 2022a. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.PCAP.PP.KD>. Acesso em: 17 Maio 2022.

WORLD BANK, W. D. I. database. **Gini index**. [S. l.: s. n.], 2022b. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/SI.POV.GINI>. Acesso em: 17 Maio 2022.

YAP, S. C. Y.; ANUSIC, I.; LUCAS, R. E. Does personality moderate reaction and adaptation to major life events? Evidence from the British Household Panel Survey. **Journal of Research in Personality**, v. 46, n. 5, p. 477–488, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2012.05.005>. Acesso em: 11 Maio 2022.